

JOSÉ AGUDO

---

# GENTE RICA

---



SCENAS DA VIDA PAULISTANA

---



031  
S. PAULO

Emp. Typ. Edit. "O Pensamento" -- R. Senador Peljô, 19

1912



A

*João Grave*

OFFERECE

*José Agudo*

I

# PRELUDIO

O pensamento — regente da orchestra, —  
Empunhou a batuta, em seu lugar...

— Suspendam, por favôr, essa palestra:

— Senhores, atenção !

Vai principiar !

J. A.



A muitos annos, desde que comecei a lêr e a comprehender o que lia e via, foi-se-me formando no espirito uma interessante concepção do mundo artistico.

Digo que essa concepção é interessante, mas não affirmo que o seu interesse ultrapasse os limites da subjectividade original.

E' interessante para mim. Se o é para outrem, não o sei nem o posso saber.

Assim, depois de repetidas e variadas observações, comprehendi que o principal

alimento da poesia é o passado; que a pintura só é verdadeiramente notavel quando se objectiva na rusticidade da payzagem ou da acção; que a esculptura mais se apoia nas particularidades anatomicas do que nas extravagancias da indumentaria, e que a architectura, partindo da simples utilidade inicial, foi ascendendo gradativamente para o elevado ideal da commodidade, do luxo e do conforto modernos.

Quanto á musica, tão instavel em sua essencia, que até pode ser considerada

a atmosphaera em que se movem todas as manifestações artisticas, sou de opinião que ella só consegue commover profundamente quando é inspirada nas mais violentas paixões que agitam a alma humana. Musica alegre é de curta duração.

Na literatura propriamente dita só a dôr, em suas multiformes exteriorizações de soffrimentos, de lagrimas, de sangue, de blasfemias e de fomes, é o alicerce indestructivel das obras que commovem e que conseguem, quando bem escriptas, resistir ao esquecimento universal.



Mas ainda não pude comprehender como se justifica o actual successo da literatura chamada *policia* ou *terrorista*, na qual eu não sei o que mais admirar, — se a faculdade inventiva dos seus autores, combinada com a mais extravagante idéa do que é a Arte; se essa extraordinaria confusão de roubos, assassinatos, maus sentimentos e má linguagem, que faz a delicia dos meninos de escola, dos caixeiros de taverna e dos bandidos profissionaes.

Até agora, tambem, em toda a minha



vida, que já é bem longa, nunca li uma obra puramente literaria, cujo principal thema fosse o elogio da riqueza.

Nunca, absolutamente nunca!

Ora, eu, — que conheço a fundo os comicos dramas, as ridiculas tragedias e as dolorosas farças em que os ricos figuram como principaes protagonistas, porque no meio d'elles vivo, penso e ajo, — imaginei que o meu assumpto era tão empolgante como os que mais o sejam.

E' verdade que vacillei algum tempo sobre a fórma que daria a este trabalho,

chegando a traçar o plano de um grande poema, que baptizaria com o suggestivo nome de

#### ÉPOPÉA DA ABASTANÇA.

Mas, depois, resolvi escrevê-lo em prosa, porque a prosa, — além de ser mais accessivel aos espiritos que são naturalmente refractarios á poesia, — é um campo mais amplo, onde a imaginação, completamente livre das peias do metro e das golilhas da rima, pode bracejar á vontade, como arvore que frondeja solitaria...

E, se é certo que, por alta conve-

niencia dos sagrados interesses da Arte, os poetas devem ser lidos por poetas, muito justo me parece que os ricos pelos ricos sejam lidos.

Este livro é delles e para elles.

Aceitae, pois, ó carissimos ricos! — este modesto producto dos meus ócios; e, se d'elle gostardes, como ousou esperar, melhor não pode ser a recompensa da boa vontade com que o pensei e do grande amor com que o escrevi.

Vale!

J. A.

II

DUETTO

Assim como a argamassa une os tijolos  
E faz a construcção ser consistente,  
Duas almas dispaes quaes dois pólos  
Ligam-se por sympathica corrente.

ORLANDO DINIZ.



ESSE dia passeava Leivas Gomes pela rua *Quinze*, olhando muito despreocupado para as vistosas *vitrines*, quando, ao defrontar a *Casa Garraux*, uma voz sua conhecida exclamou jovialmente :

— O' Leivas! Tu por aqui?!

Era o Juvenal Leme, um rapaz das suas antigas relações. E abraçaram-se.

Que sim, que viera passar aqui uns dois ou tres mezes, para descansar das lutas, das terribes lutas que tivera de sustentar no interior em pról do civilismo e em defesa da sua administração municipal, — respondeu.

— Bem; estimo que te refaças, porque estás

um pouco magro. Que é isso, homem ? Assim tão chupado...

— E' brinquedo, Juvenal ! Não tens lido os jornaes ?...

— O que ? Política, meu velho ?!... E' assumpto em que não desperdiço o meu tempo. Ha por ahi tanta cousa para nos aborrecer, que eu bem dispenso mais essa... Vamos tomar um cafésinho e conversaremos um pouco, porque eu já ando farto de aturar uns cafagestes que nem conversar sabem.

E foram andando.

— Pois tem havido o diabo lá pela minha zona, — continuou o Leivas.

— Eu lastimo que tu, um rapaz de recursos... Sim, senhor ! de recursos em todas as accepções da palavra, vivas assim amofinado. Olha que a vida é tão curta, Leivas, que não vale a pena viver-a nem aborrecido, nem ás carreiras, principalmente quando se está em condições, como tu, de evitar os atropêlos e os aborrecimentos. Quem não póde, que se arranje, é boa ! mas quem póde... O' Leivas, olha que a gente deixa isto quando menos espera.

Chegaram ao *Guarany*.

A' porta, transbordando sobre o passeio, havia o habitual agrupamento de *bachareis* em perspectiva, que ali costumam expôr diariamente



aos transeuntes pacatos o irreprehensível corte das calças vincadas e dos paletós cintados, a chromatica mirabolancia das gravatas e a extravagancia morphologica dos chapéus. E' raro que algum delles exponha alguma idéa, e quando esta consegue irromper daquella massa de celebridades indumentarias, é logo suffocada — a pobre! — pela esmagadora maioria dos nullos pretenciosos.

A' direita de quem entra, o vendedor de *estampilhas* conversava muito animadamente com o charuteiro vizinho do fundo, sobre a intervenção federal:

— E' o que lhe digo, *seu* Ferreira! Elles estão muito enganados comnosco. Você bem sabe que S. Paulo não se abaixa. Onde é que se viu?! Então isto aqui é biscoito?.... Que venham, que venham, e *hãõ de verem* para que presta a fazendeirada brava.

A' esquerda, sobre o chronico montão de peras e maçãs, esvoaçavam, enfiados num prego, alguns cartazes com grandes dizeres.

Era um manifesto politico recommendando a candidatura do Costa Senra para as proximas eleições federaes. E tinha o retrato do candidato !

Juvenal levou o lenço ao nariz num gesto instinctivo de prudente prophylaxia.

— Que é, Juvenal ?

— Não posso supportar este horrivel cheiro de asneiras verbaes combinadas com impressos politicos. E' medonho, Leivas; é muito perigosa, esta coprophilia intellectual.

Entraram, sentaram-se, saudaram alguns conhecidos que estavam á mesa fronteira, e Juvenal, guardando o lenço, convidou :

— Mas conta lá o teu caso politico, já que estamos na época dos *casos*... Talvez o teu tenha alguma cousa de original, que diabo! A's vezes, donde menos se espera é que surge uma idéa aproveitavel, ou imprevista.

E Leivas referiu longamente, que, tendo sido eleito Prefeito Municipal na sua zona, esforçou-se para deixar signaes duradouros da sua passagem por esse espinhoso cargo. Mas não pôde resistir aos conluios dos seus adversarios, animados pelo bafejo official das altas regiões governativas, onde tudo é sinuoso, mysterioso e vergonhoso.

Juvenal levou outra vez o lenço ao nariz e, risonho, interrompeu o amigo :

— Tu agora me fizeste lembrar a tal historia do prato...

— Que prato ?

— Aquella historia em que se indaga se é

mais decente... sujar no prato em que se comeu, ou comer no prato em que se... sujou. Pelo que me dizes, vejo que em politica é mais facil de verificar-se a primeira hypothese, o que não quer dizer que se não verifiquem ambas.

Leivas, para desviar a conversa, não se deu por achado na alternativa dos pratos sujos, e mudando de tom :

— E tu, o que fazes, Juvenal ?

— Vivo aquella vidinha de sempre, meu caro ; isto é, agora um pouco mais intensamente, porque é preciso andar-se de ouvido fino e olhos bem abertos, para se não ser atropelado por algum automovel cheio de candidatos aos cubiculos do Juquery. A cabeça deve trazer-se bem levantada para se lêr o *Conserve a sua direita* ; é perigoso caminhar pelo centro das ruas, destinado ao transito de vehiculos (diz sentenciosamente a nossa providente e accaciana policia), e para contrapeso, até é possivel sermos esmagados por qualquer aeroplano despencado das alturas. Lá pelo teu Jahú não ha disso, hein ! Ah ! Temos progredido estupendamente ! Eu nem sei aonde iremos parar.

— De facto, a capital transforma-se a olhos vistos. Cada mez de intervallo nas minhas vindas aqui... e é um novo melhoramento que me surprehende. Agora, é o bastão branco dos po-

{ licias, é a rua Libero que desaparece, é o viaducto de Santa Ephigenia que avança...

— Não é só o viaducto que avança, meu velho. O avança, agora, é geral...

— Sempre caustico!... Já vejo que os annos passam por ti como as vagas pelos rochedos. Não te mudam.

— Provavelmente, quando eu mudar ha de ser de uma vez e para sempre.

Levantaram-se.

O relógio do *Grumbach* marcava 3 horas.

— Para onde te atiras, Leivas ?

— Vou para casa... Ah! Sim, a nossa casa é na Avenida Hygienopolis n. 218. Quando quizeres, dar-me-ás muito prazer com a tua visita.

— *Grazie!* Qualquer dia lá irei filar-te o café e caceteiar-te alguns minutos.

— Ora, essa! com muito gosto e sem caceiteação alguma. E tu, para onde vais agora ?

— Fico por aqui mesmo, porque estou esperando uma pessoa com quem tenho de conferenciar sobre a fundação de uma *Mutua*. E' a moda — sabes? — agora tudo são *conferencias* e *mutuas*.

— Se é cousa em que eu possa auxiliar-te, conta commigo, Juvenal.

— Não fica sem resposta o teu offerecimento.

Amanhã, de certo, nos encontraremos, e dir-te-ei o que ha. A cousa, ao que me parece, não está sem geito. Havemos de vêr. Não serás esquecido...

— Lá vem o 25. E' o meu bonde, Juvenal.

— Então, até amanhã.

— *Al revederci*, Juvenal.

---

III

ARIA

Vêr além do nariz,  
Não ser pato nem tanso,  
Traçar a directriz  
Que deve ser seguida;  
Saber o que se quer e querer sem descanso:  
—Eis o grande segredo,—o exito da vida.

do BOM HOMEM RICARDO.





Leivas Gomes, ha uns oito annos mais ou menos, era um rapaz tão intelligente quanto feio e pobre.

Ainda possue todas essas qualidades, menos uma, a ultima, porque agora é rico.

Rapaz, tambem o é ainda, porque não tem muito mais de trinta annos.

Não é millionario, mas está á bica para lá chegar. E é bem possivel que chegue.

Nascido em Minas, — nas *alterosas*, como elle ás vezes pittorescamente diz, — viera para S. Paulo, attrahido pela prosperidade sempre crescente desta parte do nosso paiz; e, logo que aqui chegou, resolveu seguir uma das carreiras

liberaes que estão sempre abertas e francas a todos os homens de boa vontade.

Durante o tempo em que fazia os seus *preparatorios*, mostrou qualidades tão excepçionaes de assimilação e transmissão, que chegou a ponto de ensinar a muitos collegas as mesmas materias em que se preparava.

Escrevia em jornaes e revistas (até fundou uma que morreu do mal de sete dias), e falava com tanta facilidade, que era sempre o orador escolhido para todas as solenidades escolares.

Escrevendo, era um discipulo de Eça de Queiroz, que elle chamava *o divino Eça*, e falando, era imaginoso e facundo como todo o meridional dotado de talento.

Ganhava, assim, a vida muito honradamente, mas com muito trabalho, equilibrando o seu orçamento de estudante a quem os poucos recursos paternos não permittiam uma gorda mesada.

Era, em summa, o verdadeiro typo do *self made man*, tão raro em nosso meio em que predomina o filhotismo sem limites.

Em discurso de paranymphe, que ficou celebre na roda dos seus collegas de ensino, declarou-se francamente partidario do britannico — *make money!* — e disse, convicto, que todo o segredo do exito na vida pratica depende exclusivamente de «*sabermos applicar os nossos es-*

*forços no sentido de uma directriz que todos devemos pretraçar».*

Era um rapaz de idéas, como se vê.

Finalmente, quando se viu de posse do classico canudo com a carta de engenheiro pela nossa *Polytechnica*, os seus olhares de myope, coados através de duas grossas lentes divergentes, pousaram na directriz que elle havia pretraçado, e visaram um ponto de collimação que estava muito distante mas não era inattingivel.

E porque entre o povo brasileiro abastado uma das suas paixões dominantes ainda é e será por muito tempo a dos *diplomas*, foi-lhe facil, alguns mezes depois de formado, casar-se com a filha de um importante fazendeiro do Oéste ou, mais propriamente, do Norte do nosso Estado.

Na sua qualidade de engenheiro, elle bem sabia que essa denominação de Oéste paulista era geographicamente erronea, porque na historia da nossa evolução, havia factos que elle não podia nem devia ignorar. Um delles era, effectivamente, a génese dessa erronea denominação.

Ha trinta annos ou pouco mais (ainda elle não era nascido), quando as terras da então provincia do Rio de Janeiro começaram a produzir tão pouco que o seu producto quasi não dava para compensar o custeio agricola, os lavradores fluminenses, attrahidos pela justa fama

que já então Campinas gosava, e acossados pela necessidade economica, que é o aguilhão de todas as migrações humanas, principiaram o exodo para o territorio paulista.

A espantosa uberidade das feracissimas *terras rôxas* assombrava a todos que vinham das ex-haustas terras brancas, e exercia uma influencia tão fascinadora sobre o paiz inteiro como se fosse um intenso fôco de magnetismo social, que fizesse convergir para si todos os elementos esparsos da actividade productora.

Esse exodo, porém, accentuou-se com a maxima intensidade quando a libertação dos escravos, em 1888, maiores difficuldades criou para quem já ha tanto tempo lutava tenazmente contra o natural cansaço da terra fluminense.

Agora, não era só esse cansaço que desanimava os productores: — era tambem a positiva falta de braços que ainda pudessem tirar do sólo o pouco que delle se podia esperar, porque os libertos abandonavam em massa o serviço agricola, para dissolverem a sua já miseravel raça na agua-ardente, que bebiam sem medida, e na indolencia produzida pela mais desbragada ociosidade de que ha noticia na historia dos paizes novos e de incommensuraveis recursos naturaes como é o nosso.

Aqui, não. Para substituir o braço servil, grandes levas de immigrants europeus tinham

vindo á custa dos cofres publicos; e se essa substituição foi ou não proveitosa para nós e para os immigrants, dil-o mais alto do que todos os argumentos o estado actual da nossa lavoura e a prosperidade real, positiva e palpavel da grande maioria desses efficazes auxiliares do nosso progresso.

Ora, o exodo dos fluminenses tomava a direcção Oéste do Rio de Janeiro, e os emigrados nacionaes, estabelecendo-se no sector paulista, cujos raios passam por Serra Negra e Jahú, e cuja corda atravessa Batataes, foram conservando e ainda hoje conservam a errada denominação geographica que deram á parte Norte-Noroéste do nosso Estado, que é a mais importante sob todos os pontos de vista.

Era isso que elle sabia muito bem e que elle bem ensinava aos seus alumnos de chorographia.

Não está provado que a lição aproveitasse, porque o erro permanece; mas, o que é verdade é que a Leivas Gomes não se pode attribuir essa permanencia. E' uma questão de rotina, e não ha nada que mais contrario seja á perfeita noção das cousas.

Elle já dera prova de ter largas vistas, apesar da sua natural myopia; e agora, que estava bem casado sob o ponto de vista economico, o seu raio visual mais se alargava, como se observava em todos os individuos que olham de cima.



A influencia politica da familia da esposa e os seus conhecimentos technicos em breve o collocaram em posição de mais evidencia.

Foi Prefeito Municipal, cargo em que manifestou raras qualidades de administrador, muita actividade e até cohibiu muitos abusos, — segundo a sua e a opinião dos seus correligionarios.

Os adversarios diziam á bocca cheia que elle procedera como macaco em loja de louça, — mas devia fazer-se um razoavel desconto nessa opinião, porque era uma opinião de adversarios.

O que é facto é que a funcção faz o organ e cria novas necessidades; e Leivas Gomes, muito bem repimpado na sua cadeira electiva, lá de cima via muito mais longe ainda.

De novo os seus olhares visaram um ponto muito alto, a que a sua imaginação criadora dava a nitida fórma de outra cadeira electiva.

Já tinha tomado o gosto... Agora, era seguir sempre ávante.

Seria um sonho? E' bem possivel, porque a vida que é, afinal, senão um sonho?!...

Uns sonham dormindo e outros acordados. Os primeiros não sonham o que querem, mas os segundos querem o que sonham.

Elle era destes.

Sonhava voluntariamente, e até dentro do seu proprio sonho não se esquecia da directriz a se-

guir. A certa altura della avultava, majestosa, a symbolica basilica da immortalidade nacional, onde havia então uma cadeira vaga, — a tal cadeira electiva, que era o seu sonho de acordado.

Com os olhos do espirito elle via perfeitamente essa cadeira através das portas cerradas aos assaltos dos profanos.

Pois bem! Para ser ouvido, bateu fortemente a essas portas com os *Sonhos que ficam...* — obra literaria que foi bem acolhida pela critica indigena.

Mas as portas, como todas as portas que se honram de o ser, surdas aos seus reclamos, permaneceram inflexivelmente fechadas para elle.

Porque? Porque é que essas portas não ouviam, como as paredes que ás vezes ouvem?

Quem pode desvendar os impenetraveis mysterios da literatura?

Entretanto, chegara-lhe aos ouvidos que as portas tinham sido forçadas por alguém?...

— Então essas portas, cuja chave deve ser sómente uma penna manejada pelo talento ao serviço de uma imaginação criadora e original, seriam feitas para cederem á gazua de uma espada, como qualquer porta de cofre publico?...

Era o que elle a si mesmo perguntava nos seus raros momentos de desanimo.

Mas a confiança voltava-lhe de novo, quando



se via pairando superiormente sobre a nullidade dos seus contemporaneos.

E o seu raio visual amplificava-se cada vez mais.

Agora, que tinha cahido a situação politica que o elegera Prefeito Municipal, viera gosar um pouco o *dolce far niente*.

A directriz continuava, porém, na sua frente, larga e recta, não como nova estrada de Damasco, porque elle não era um convertido, mas como espaço a vencer, cheio de promissoras etapas.

E havia de ser vencido, porque a abastança é a moderna varinha de condão que transforma em maravilhas tudo que toca.

Era rico e tinha talento...

---

IV

SOLO



Quanta gente que ri, talvez, comsigo  
Guarda um atroz, recondito inimigo,  
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cujá ventura única consiste  
Em parecer aos outros venturosa!

RAYMUNDO CORRÊA.





Juvenal de Faria Leme era um paulista da gemma.

Nascido, baptizado, chrismado e vaccinado na freguezia da Sé, nunca sahio verdadeiramente da capital.

Foi a Santos algumas vezes para se banhar nas aguas lustraes do oceano, e ao Rio de Janeiro para ter a noção do que é uma capital politica de um paiz tão grande como é o Brazil. Mas eram curtas as suas excursões.

Descendia em linha mais ou menos directa de pessoas que tinham desempenhado importantes papeis quer na formação e evolução do nosso Estado, quer na propria fundação da nossa nacionalidade.



Um dos seus avós maternos era neto do famoso Bartholomeu Fernandes de Faria, de Jacarehy, que dera que fazer e que pensar durante nove longos annos ao governo da então Capitania de S. Paulo, sendo preso sómente em 1719, quando estava gravemente enfermo e sem forças para continuar a sua antiga luta e para sustentar a sua defesa armada.

Seu pai foi neto do Tenente Francisco Bueno Garcia Leme, de Pindamonhangaba, — um dos 30 felizes membros da celebre guarda de honra, que testemunharam o desarranjo intestinal do Principe Regente, occorrido na tarde de 7 de Setembro de 1822, no Campo do Ipiranga, e de que resultou que fosse proclamada ahí mesmo a independencia do Brazil.

Por este lado da sua ascendencia elle verificára mais que, segundo dados fidedignos fornecidos por um genealogista de nomeada, o sangue do grande Fernão Dias Paes Leme, — o *Caçador de Esmeraldas*, — não fôra extranho á constituição physica dos seus avoengos.

Quando homem feito, possuindo alguns conhecimentos e sufficientes haveres que lhe permittiam uma certa independencia economica e intellectual, começou a pôl-a em pratica.

Tinha a paixão de escrever. Não se importava muito de publicar o que escrevia, mas en-



tendia que o homem que sabe dizer o que quer e o que sente é um criminoso, se deixa de externar por escripto os seus desejos e as suas impressões. Nos raros folhetos que já dera á publicidade, ou nos artigos que algum amigo lhe pedia para algum jornal sem assumpto e sem recursos, assignava sempre *Juvenal Paulista*.

Alguns amigos, extranhando que elle se occultasse systematicamente atrás dcsse pseudonymo, fizeram-lhe ver que assim ninguem daria valor ao Juvenal de Faria Leme, porque o publico em geral não pode conhecer todos os pseudonymos dos escriptores, etc.

E elle retrucava-lhes :

— Mas eu, na minha qualidade de legitimo paulista, quero usar esse nome. Quanto ao valor, ha duas cousas a considerar : — ou os meus pensamentos e as minhas idéas são aproveitaveis e, portanto, valem por si mesmos ; ou não são aproveitaveis, e nesse caso não ha nome nem cousa alguma que os valorize...

Sim ; porque para idéas e pensamentos, que são cousas muito differentes do café ou da borracha, não ha plano de valorisação que dê sorte.

Por outro lado, se o valor a que vocês se referem é o que pode ser substancializado em boa moeda corrente, devo dizer-vos que esse, felizmente, nada me preoccupa, porque eu sou um homem *aspirante-premente*.

E lá vinha a sua theoria hydraulico-economica, segundo a qual os homens, considerados como principaes factores na circulação das riquezas, podem ser equiparados ás bombas.

Ha os *aspirantes*, os *prementes* e os *aspirantes-prementes*. Os *aspirantes*, que só procuram elevar o dinheiro até o seu proprio nivel, são os avarentos e os usurarios ; os *prementes*, que fazem pressão sobre o dinheiro para que este suba e esguiche em jactos confortadores, são os *chantagistas*, os multiformes contadores do conto do vigario, os *cavalheiros* de todas as *industrias* imaginarias ou imaginaveis; e os *aspirantes-prementes*, que elevam o nivel do dinheiro para que este se espalhe em planos superiores, são os proprietarios, são os negociantes, são os industriaes, são os financeiros, são os prestamistas, são os accionistas de sociedades anonymas, são os equilibrados, emfim.

De facto, os seus haveres estavam empregados em apolices da divida publica e em acções de boas companhias de estradas de ferro. A renda que esses titulos produzia era-lhe sufficiente para viver folgadamente, a seu modo, porque elle não tinha habitos de perdulario, embora fosse generoso.

Devia ter uns trinta annos, e era solteiro ainda.

Os amigos, depois de ouvida a sua justificação, observavam-lhe :

— Isso é orgulho de paulista, que descende dos ousados *bandeirantes*.

E elle retorquia-lhes ao pé da letra :

— Estão enganados, vocês. Não é porque nas minhas veias corra algum sangue de Fernão Paes ou de outros quejandos, que eu tenha algum orgulho, meus amigos ; porque, jactar-se de descender dos *ousados bandeirantes* é o mesmo que honrar-se de ser neto ou bisneto de bandidos e ladrões. Quem sabe se os australianos têm esse orgulho ?!... Os antigos romanos, que descendiam de escravos foragidos e de ladrões que andavam a monte, orgulhavam-se sómente de serem romanos. E' o que eu faço, é o que nós devemos fazer. Sejam os orgulhosos da nossa qualidade de paulistas, mas não escavemos muito nas ruínas do nosso passado, porque ellas, nas suas mais profundas camadas, estão cheias de ossos que ainda hoje nos envergonhariam. Na superficie encontraremos muitas cousas que nos honrem : — são as idéas da nossa independencia politica, da abolição da escravatura, da federação, da republica, que todas aqui germinaram e daqui irradiaram triumphalmente pelo paiz inteiro ; e é, finalmente, o bello exemplo do bom emprego da

nossa actividade, que fez e faz ainda com que esta região seja a mais importante do nosso amado Brazil. Disto, sim, nos devemos orgulhar, meus amigos. Eu, por mim, orgulho-me de ser paulista por ser paulista.

Os amigos, vencidos ou convencidos, o que para elle era indifferente, levavam-n'o para outro terreno :

— Mas, ó Juvenal; tu, com os teus recursos tão variados, podias ser alguém, no sentido americano da expressão.

E elle, sempre expansivo, sempre risonho, respondia-lhes :

— Vocês querem saber uma cousa ? Eu já me convenci á minha custa que o ignorar é util.

— Então és contra a instrucção, que é uma das glórias do nosso Estado ? — interrogavam insidiosamente.

— Em termos, porque todos os exaggeros são perigosos. Querem vocês uma prova immediata ? Ahi vai ella. Haverá acção individual mais meritoria do que o exercicio da caridade ? Bem. Vamos todos por essas ruas a fóra, em busca dos necessitados. Levemos o pão a todos os lares onde elle falta ; os remedios a todos os enfermos que por ahi soffrem sem recursos para pagarem aos medicos e ás pharmacias ; as roupas a todos que por ahi ti-

ritam de frio... Que belleza de proceder! Que magnanimidade, hein! Que nobreza de sentimentos!... E agora, que resulta da nossa generosa acção? Ficarmos todos pobres, aumentando, portanto, o numero já infinito dos necessitados. E se instruímos a tôrto e a direito, só pelo prazer de instruir, é certo que não perderemos a instrucção que já temos, mas iremos criar muitas necessidades novas, que as contingencias da vida não permittirão satisfazer. Emfim, é o mesmo que augmentar a afflicção ao afflicto, e eu acho que é deshumano sobrecarregar mais a quem já vai carregando um tão pesado cargo. Depois, é preciso considerar que ha pessoas que não podem ou não querem aprender cousa alguma. A respeito dessas pessoas já o Bissolo de Anatole France tinha dito que não é facil fazer um burro beber quando elle não tem sêde ou não quer beber...

E os amigos, sempre desejando embaraçal-o:

— Visto isso, segundo a tua theoria, deve haver sempre pobres e ignorantes?

— Eu estou convencido que é indispensavel, fundamentalmente indispensavel haver pobres, para que seja mantida a perfeita harmonia do mundo. Lá vai mais uma prova. Digam-me: — qual é a obra prima literaria que vocês conhecem, cujo assumpto principal seja a riqueza



ou a classe abastada ? Nenhuma — está claro — nenhuma ! Até na pintura ou na esculptura, meus caros, a observação confirma a regra. Todas as produções artisticas que ficam, que resistem á patina dos seculos, são baseadas na dôr, no soffrimento, na miseria physica, moral ou economica. Vocês querem cousas mais empolgantes, mais poeticas ou mais vibrantes do que sejam os maltrapilhos, os desherdados, os famintos, os desventurados ? Que delicioso prazer artistico não nos causa a leitura das reivindicações do proletariado, quando ellas são descriptas por mão de mestre, hein ?!... A gente até sente calefrios. Os nossos nervos vibram intensamente, e vocês sabem muito bem que — viver é vibrar.

— Que bello assumpto para uma conferencia, — commentava algum dos ouvintes.

— E não o diga com ar de mófa, porque é mesmo. Ora, eu, estheticamente, sou pela existencia e pela subsistencia dos pobres. E, como para haver pobres, necessario é que haja ricos, — faço todo o empenho em conservar-me entre estes para devidamente apreciar aquelles.

E agora vou provar-vos tambem como é util o ignorar.

Vêde como á mesa de um banquete os convivas em geral apreciam os acepipes que vêm

chegando, todos ornados de excitantes do apetite. Pois eu em verdade vos digo que o prazer de cada um está na razão inversa dos seus conhecimentos. Ah! Se elles soubessem como é feita a maioria desses apetitosos petiscos!...

Pois bem! Um dia encasquetou-se-me na cabeça a idéa de desvendar um mysterio. Eça de Queiroz, no retrato literario de Eduardo Prado, disse que a curiosidade pode conduzir á descoberta da America ou ao buraco de uma fechadura. Mas entre a America e a fechadura — digo eu — que abundante variedade de escalas!... A mim, a curiosidade conduziu-me a uma cozinha, meus amigos. E' verdade, — a uma cozinha!

Houve uma epoca da minha vida em que me vi na contingencia de comer em hotel... Vocês sabem o que é comer em hoteis ou pensões?... Se não o sabem, são felizes, e se o sabem, aceitem as minhas condolencias, que são sinceras. Mas, continuando :

Havia uma cousa que eu não podia explicar: — era aquelle gosto particular, *sui generis*, do tempero... Por mais que eu, em minha casa, industriasse verbalmente as minhas cozinheiras sobre a exquisitez do tal tempero, nada de obter cousa igual, e, portanto, o mysterio continuava mysterio. Mas a tal curiosidade!...

Um dia, á vista de um annuncio do *Diario*



*Popular*, vesti uma roupa velha, sujei-me convenientemente e apresentei-me candidato a um lugar de lavador de pratos.

Entrei na cozinha no exercicio das minhas funcções, e, quando se approximava a hora do almoço, notei que o mestre cozinheiro tirava de um alto barril, posto em pé e aberto pelo tampo, grandes colheradas de um liquido viscoso e escuro, que tinha aspecto de melado, e o espalhava nos mólhos quasi promptos com que cobria as carnes...

Logo, aquecido pelo fogo, o tal liquido fumegava, e a cozinha enchia-se do cheiro do tal tempero que fazia o meu desespero.

Começou a ser servido o almoço, e, enquanto eu ia lavando os pratos, percebia que o ajudante do cozinheiro, naturalmente, sem reserva alguma, despejava no barril todos os restos liquidos ou semi-liquidos que vinham de fóra, das mesas, nos pratos servidos.

Eramos tres lavadores, que trabalhavamos enfileirados, ao lado de uma longa e larga pia esmaltada. O meu collega immediato tinha assim uns modos de muito confiado, porque a todo o momento me perguntava ora uma, ora outra cousa. Ainda me recordo muito bem da admiracção que elle manifestou quando percebeu que eu não era italiano.

A pontinha do veu estava já erguida. Quiz

completar o desvendamento, e perguntei ao meu vizinho de pia :

— O' coisa, que é aquelle barril ?

E elle ainda mais espantado da minha crassa ignorancia culinaria, respondeu com ar velhaco :

— *Eh ! Che' stupido !... quello é il barile della sustanza.*

Sim, senhores ! Era o barril da sustancia.

Ora ahi está porque divido tambem os homens em duas grandes classes : — os que cozinham e os que comem.

E' a minha theoria culinaria da vida.

Ahi têm vocês o motivo porque não sou ninguem no sentido americano da palavra. Já vi como se fazem os pratos, e fiquei enojado. Quem quizer que os faça e... que os coma.

E os amigos, então, com ar triumphante :

— Coitado do Juvenal ! Deves ter soffrido bastante fome, visto isso.

— Não é tanto assim, meus caros. Eu como, porque não ha outro remedio ; mas como em termos. Cozinhar é que não cozinho. Até nisso divirjo do commun, porque na divisão dos homens em productores e consumidores, ha um ponto em que elles se confundem, visto não haver productor que não consuma. Mas ha muitos consumidores que não produzem absolutamente nada. Eu acho que sou um desses...

— Bem ! — tornavam os amigos, mudando de assumpto. — Uma vez que não queres ser ninguém, como dizes, ao menos devias entrar para a imprensa, que diabo ! — ser director da opinião.

— Estou grande e velho de mais para engatinhar. As minhas articulações estão muito duras. Já me disseram que é arthritismo...

— Ora essa ! E engatinhar para que ?

— É que na imprensa só se penetra de gatinhas. O culto dos sagrados organs da Opinião Publica é incompativel com a posição vertical, meus amigos.

— É terrivel este Juvenal ! — commentavam os amigos vencidos em toda a linha.

— Que querem ? Eu ás vezes até acredito na influencia que a alimentação exerce sobre o character. Sim, porque a que ella exerce sobre o physico, essa é innegavel.

E numa tirada final :

— Olhem, qual de vocês comeu *içás* torrinhos, em café com leite ?

Os amigos, esquecidos talvez das diabruras da infancia, cuspiam enojados e respondiam :

— Eu não, eu não ; Deus me livre !

— Pois, meus amigos, eu comi muitos quando era pequeno e morava ali no Largo da Forca, que é hoje o da Liberdade. E acredito que elles

influiram muito sobre a minha constituição moral. Hei de consultar o Dr. Gustavo Luz, o nosso encyclopedico sabio, que é mestre em deducções e generalizações. Estou certo de que elle ha de resolver o *caso* do meu character.

Era assim o *Juvenal Paulista*.

---



v

**ENSEMBLE**







Chegou a vossa vez: — entrae em scena,  
O' geniaes interpretes modernos!  
E pensarmos que a morte... Oh! grande pena!  
— Taes actores deviam ser eternos.

J. A.





A sala da frente de um primeiro andar, á rua de S. Bento, achavam-se reunidos alguns cavalheiros, que palestravam.

Eram cinco ou seis, e entre elles estava tambem o Juvenal Leme, já nosso conhecido, que conversava animadamente com o mais velho do grupo.

— Eu entendo, Dr., que é indispensaval haver uma reacção. A maioria do povo miúdo grita contra a carestia da vida, e eu acho que ella tem razão, porque nunca se viu uma cousa assim. Não ha casas para alugar... Veja que o *Diario Popular* não traz mais aquelle antigo e longo rosario de *aluga-se... aluga-se...* e quando apparece alguma casa vaga, são innumeros

os pretendentes, que se degladiam numa terrível luta de concorrência quanto ao preço dos alugueis. Porque? Será porque é grande a affluencia de povo para a capital, ou porque as demolições têm diminuído muito o numero das casas de moradia? Mas, que diabo! a média das construcções dá mais de 10 casas por dia... Não entendo. Só o que sei, o que todos nós sabemos, é que cada metro de terreno custa os olhos da cara, e que se têm feito fortunas com a venda de lotes de terra que ha cinco annos não valiam nem a vigesima parte dos preços de hoje.

E o seu interlocutor, que era o conhecido medico Dr. Gustavo da Luz, respondeu pausadamente, com o seu sotaque de velho paulista:

— São as consequencias do progresso, não ha duvida alguma. O futuro do Brazil está no sul, reside em S. Paulo, e só o não prevê quem não tem o habito de meditar sobre as cousas que nos cercam. Mas, se é facto que todos se queixam, por outro lado ha uma classe que prospera a olhos vistos: — é essa chusma de congregados e congregadas, expulsos de diversos paizes da Europa, que para aqui têm vindo em grandes levas e que aqui exploram livre e folgadamente a industria educativa. Adquirem terrenos a preços elevados e constroem casarões antiestheticos; compram boas casas de quem

precisa vendel-as e augmentam-nas sem respeito ao estylo inicial... Isto aqui, para elles, é o verdadeiro paiz de *cocagne* ou, antes, o verdadeiro El-Dorado. E... como arranjam tantos recursos? Pedem como cegos á porta das igrejas, bajulam como politicos militantes, mentem como jornalistas venaes, exploram escandalosamente a vaidade dos papalvos abastados, e por fim, quando se installam bem, tornam-se insolentes para com os humildes como todos os *arrivistas*... Sim, porque elles, em ultima analyse, não passam de simples *arrivistas*. Ah! meus amigos, essa pacifica invasão de habitos e roupêtas é um temeroso problema que o Brazil tem de resolver no futuro. Para mim acho que elle é muito mais importante do que as pretendidas tentativas de germanização no sul do nosso paiz, embora o nosso povo seja refractario a fanatismos religiosos. Mas as primeiras impressões gravam sempre muito fundo. Ora, elles estão com a infancia e a juventude sob o seu dominio quasi absoluto. Empunham a cera para amoldal-a á sua feição...

Fez uma pausa mais longa, afrouxou um cigarro de palha, acendeu-o e continuou :

— E enquanto essa corja prospera e engorda, o professorado publico, sem incentivo algum que o anime na tarefa ingente de preparar as novas gerações, vai definhando, esma-



gado pelas exigencias dos programmas organizados sem respeito ás normas pedagogicas, e privado de remunerações sufficientes para a manutenção do seu decóro e da sua relativa independencia.

Pouco a pouco, attrahidos pela sua captivante exposição de motivos, os outros presentes foram-se approximando em redor d'elle.

— E querem os senhores saber qual o remedio para este estado de cousas? E' uma reacção familiar, meus amigos. Quando as mães comprehenderem que a educação caseira dos filhos, e principalmente das filhas, é a sua principal missão no mundo; quando os pais se convencerem de que são inilludiveis as suas responsabilidades paternas, a mudança será radical. Que é que vemos hoje? Os pais em geral acham que os filhos são embaraços para a satisfação dos seus prazeres mundanos. Os homens, preocupados com a idéa fixa de enriquecerem cada vez mais, não pensam sériamente nos filhos. Deixam-nos crescer quasi á lei da natureza. As mães, victimas da mais aguda exhibicionite excitada constantemente pela influencia pariziense, não amamentam e quasi nem acariciam os filhinhos. Entregam-nos aos mercenarios cuidados de amas sem selecção alguma, e quando elles estão mais crescidos e se tornam mais estorvantes... *zás!* collegio com elles. Ahi

têm os senhores o segredo da prosperidade dos internatos em geral e particularmente dos internatos com cheiro de santidade.

Eram duas horas da tarde quando a palestra se generalizou.

— Já vai ficando tarde, snr. Silveira, e os companheiros ainda não estão todos. Ah! Sim, podemos contar com o Dr. Leivas Gomes, disse Juvenal.

— E com o Rossi também, accrescentou outro circumstante. Já tenho a adesão delle.

— Vamos indo muito bem, disse o Silveira, correndo os olhos por uma folha de papel que estava sobre a mesa.

E lendo alto :

— Coronel Rogerio Lopes, Dr. J. Lopes Netto, Dr. Orthépio Gama, Dr. Archanjo Barreto, Dr. Gustavo da Luz, Commendador Julio Marcondes, Juvenal de Faria Leme, Jeronymo de Magalhães... Nove, já, commigo; numero sufficiente e com sobra para a constituição legal da sociedade anonyma. E agora devemos accrescentar mais...

Curvou-se sobre a mesa e, escrevendo :

— Dr. Leivas Gomes, Rossi... E' Alexandre Rossi...

E voltando-se para os circumstantes :



— E o Coronel Rogerio que ainda não veio, hein?!... Já estamos seis presentes... podíamos ir começando.

Começar o que? Qual era o objectivo dessa reunião de pessoas e de nomes?

Tratava-se da fundação de uma sociedade mutua, cujo fim seria instituir uma pensão para os mutuarios durante vinte annos, e um peculio de 30 contos de réis pagavel, por morte do instituidor, aos seus beneficiarios.

Não tinha sido, pois, o acaso que ali reunira aquelles cavalheiros.

Fôra uma idéa suggerida pelo Silveira no *Internacional*, durante uma partida de *poker* a dez mil réis o tento.

E' assombroso, simplesmente assombroso, o incremento da mutualidade em S. Paulo, nestes ultimos cinco annos! Verdadeira mutuomania!

Numa das suas chronicas para um jornal do interior, Juvenal Paulista já dissera que S. Paulo é a patria adoptiva do café, dos viaductos, das sociedades *mutuas* e das caixas de pensões vitalicias.

Por isso não era de admirar que elle agora ali estivesse como fundador de uma nova *mutua*.

E os outros? Quem eram os outros funda-

dores, congregados em torno da idéa do Silveira ?

Ha por ahi muitas commanditas dessa especie, constituídas por meia duzia de trampolineiros, que assaltam impiedosamente a bolsa dos incautos, sob a direcção *in nomine* de dois ou tres *medalhões*. Mas essa pecha não podia caber á nascente associação, cujos fundadores e futuros responsaveis, todos, tinham o que perder.

O mais velho dos presentes, por exemplo, era um dos medicos mais notaveis de S. Paulo. A sua rendosa clinica, que o procurava de todos os pontos do Estado, era a base da sua prosperidade economica.

Além disso, o Dr. Gustavo da Luz era um sabio tão notavel pela mirabolancia do seu estylo hyperbolico como pela sua extraordinaria facilidade de generalizar. As suas descobertas scientificas em todos os departamentos do saber humano, tinham-lhe grangeado a fama de encyclopedico a que já se referira o Juvenal. Era, porém, um especialista em medicina, em agromonia e em zootechnia.

Tão facilmente e tão scientificamente discutia e aconselhava processos de reproducção pecuaria, ou ensinava que as arvores desarraigadas pelo vento podem arraigar-se de novo em virtude de outro vento contrario, como abria a

bisturi as entranhas de qualquer enfermo, para attingir um abcesso interno ou para arrancar de lá de dentro qualquer corpo extranho.

Era extraordinario !

Ha poucos annos, estudando a natural energia dos tatús e dos tamanduás, descobriu que essa admiravel força era uma consequencia da exclusiva alimentação desses bicharôcos que esburacam os nossos campos.

Ora, como esses animaes se alimentam sómente de formigas, o Dr. Gustavo da Luz, com aquella admiravel faculdade de generalizar que lhe é propria, recuando ante a franca preconização das formigas como alimento humano, começou a recommendar o uso de preparados pharmaceuticos, cuja base fosse o acido formico extrahido chimicamente daquelles ecónomos insectos.

Foi um verdadeiro delirio de formiatos ! Havia-os de todas as especies, de todas as côres e de todos os preços.

Mas... tudo passa, e os formiatos ficaram tão desacreditados como qualquer negociante falido fraudulentamente.

Não desanimou o Dr. Gustavo, porque, em sciencia, a sua versatilidade era tão proverbial como a sua profundez. Nunca foi conservador em cousa alguma, o que é deveras para causar

espanto, tratando-se de um homem como elle que contava muito mais de cincoenta annos.

Então, começou a estudar o poder saltitante das pulgas.

— Pois se as pulgas, que se alimentam exclusivamente de sangue quente — pensava elle, — dão cada salto que nos envergonha e fere o orgulho de reis da criação, é evidente que, se nos alimentarmos de sangue quente, daremos saltos correspondentes a tresentas ou quatrocentas vezes a nossa altura.

Depois, sabido como é que para essas arrojadas exploradoras da geographia humana não ha mysterios somáticos, e provado como está que a imagem fica impressa para sempre na retina do animal que morre violentamente, o Dr. Gustavo suggeriu que se aproveitassem os olhos dellas para impressionarem chapas photographicas...

Pena é que ainda se não tivesse aproveitado a genial suggestão !

Que gaudio para a nossa curiosidade, se conseguissemos taes photographies, hein !

Agora, acaba elle de descobrir raças nationaes de bovideos. E' outra maravilhosa descoberta como as anteriores, mas não tão clara, porque o sabio esqueceu-se de classificar scientificamente essas raças.

Fica-se, por exemplo, em duvida se se trata do *Bos domesticus*, do *Bos matrimoniatu*s ou de quaesquer outros *Bos* mais ou menos *môchos* physicamente, embora moralmente sejam armados de grandes e terriveis paus do ar. E' certo que possuímos grande variedade de bovideos, mas faltava-nos a palavra consagrada do mestre para ratificar essa certeza.

Ella cá está com todos os seus floreios e habituaes refulgencias, de modo que, pelo sim, pelo não, é conveniente que nos acautelemos contra qualquer possível investida desses nem sempre pacíficos mamíferos.

Está apresentado o Dr. Gustavo da Luz, que, além de muito sabio, era tambem muito rico.

Agora, temos o Dr. Archânjo Barreto. Este era uma das mais solidas fortunas de S. Paulo.

Não gostava de ostentações, porque a natureza não lhe tinha sido prodiga nem no physico, nem no intellectual.

Era hereditariamente rico, embora ainda viva alguém que se lembre da sua pobreza quando elle tinha quinze ou vinte annos.

Apesar dos seus actuaes cincoenta e pico, era muito ingenuo. Certo dia, ou, antes, certa noite, querendo verificar *de visu* se uma das



suas pensionistas por cartas semanaes, era, de facto, pessoa necessitada, dirigiu-se até a casa della. Quando se approximou da porta, viu, com grande espanto, que lá dentro havia um baile em regra...

O Araujo Reis, num dos seus epigrammaticos epitaphios disse — que elle não usava guarda-chuva só para não abrir a mão.

Gôsto de calumniar, simplesmente.

O Dr. Archanjo não era tão *vinagre* assim.

Era, porém, de notavel exquisitice em materia de curso forçado do papel moeda. Ficava indignado quando alguém não lhe queria aceitar uma cedula sob a allegação de que ella era falsa.

— E' muito bôa! Pois eu aceitei-a, porque é que você não ha de aceita-la tambem? — interrogava.

E terminava, resmungando :

— Quem sabe se você é melhor do que eu?...

Como todo o rico que se preza, embora fosse inimigo do jogo, era socio de um dos melhores *Clubs* do triangulo, e frequentava-o assiduamente para ouvir falar mal da vida alheia, para tomar café e para carregar nos bolsos do paletó todos os sabonetes que lá dentro encontrava á mão.

Um dos criados do *Club* chegou a dizer que



elle tambem carregava pacotes de papel hygienico *Mikado*, mas isso nunca se averiguou ao certo. A sua fortuna hereditaria, bem collocada em rendosas industrias, em predios e em acções da Paulista e da Mogyana, augmentava de anno para anno e cada vez mais se consolidava.

Jeronymo de Magalhães apparecera em S. Paulo quando o Dr. Sampaio Ferraz exercia o cargo de Chefe de Policia na Capital Federal.

Dizia-se que elle era um dos *capoeiras* foragidos á perseguição daquelle energico funcionario. Talvez simples boatos, que naquelles agitados tempos fervilhavam por todos os cantos.

Chegado aqui, entreteve logo relações muito intimas com uma daquellas mulheres que na finada rua da Esperança vendiam bilhetes de excursão, a preços reduzidos, para a viagem a Cythera.

Ora, succedeu que essa respeitavel funcionaria publica (independente de nomeação official e de fiança), não podendo contribuir legalmente para o Monte Pio dos servidores do Estado, tivera a previdencia de accumular alguns contos de réis amealhados pacientemente a cinco mil réis de cada vez; e Magalhães, por artes de berliques e berloques, conseguiu della que lh'os

emprestasse. Com esses recursos, abriu uma loja de *camas* e *colchões* para fazer *pendant* paulista ao celebre *Corsario* carioca de escandalosissima memoria.

O negocio, porém, que não era dos melhores, correu mal, e a credora prestamista ameaçou requerer a fallencia do devedor.

A vida, bem entendida, é uma continua transigencia; e elles, devedor e credora, convieram amigavelmente numa *concordata*, cujos termos haviam escapado ao legislador imprevidente.

De accordo, pois, com essa originalissima *concordata*, a credora abria mão dos seus direitos, se o devedor lhe aceitasse essa mesma mão á face do altar, coberta pela estola sacerdotal, aspergida de agua benta e envolta no *conjugo vobis* do rito.

Dito e feito.

A desejada homologação não só foi uma prova da resistencia do estomago moral de Magalhães, mas ainda lhe serviu de *mascotte*.

Acabou-se o negocio das camas e colchões, mas dahi em diante vieram muitos outros negocios melhores, muitos predios que dão boa renda, muito lucros que se foram accumulando, muito crédito; em summa, muita riqueza e muita consideração.

Silveira, o Adelino Silveira, era actualmente o herdeiro presumptivo da quarta parte da fortuna do sogro, que orçava em tres mil contos, segundo o calculo feito na praça por pessoas entendidas no assumpto. Eram quasi desnecessarias outras credenciaes para acreditar-o junto á opinião dos seus companheiros de agora.

Diga-se, porém, em abono da sua habilidade, que elle conseguira attingir de salto esse estádio actual da sua posição economica, porque, — de simples *pharol* de hotel, que foi, — passou a brilhar no meio de uma sociedade culta e rica.

A sua idéa de fundar a nova *mutua* deve ser justamente considerada como outra prova dessa mesma habilidade.

E se a arte de descobrir um sogro rico e conservar-se perennemente nas boas graças da sogra, é cousa que se possa equiparar ao exercicio de uma profissão, forçoso é reconhecer que elle era um artista consciencioso encastoadado no mais perito e probo profissional.

O Commendador Julio Marcondes era genuino paulista de Caçapava, e descendia de Aimbiré e do sargento-mór Marcondes, — uma das testemunhas de outiva do historico grito do Ipiranga.

Filho de pais pobres, e não tendo intelligencia notavel, não pôde bacharelar-se como todo o paulista que se preza, — e esse era o seu mais profundo desgosto.

As contingencias da vida empurraram-no para a carreira commercial, onde vegetou alguns annos, mas aproveitou nas horas vagas alguns dos seus naturaes pendores.

Nesse tempo não havia o *Casino*, nem automoveis, nem cinemas.

Os rapazes, ou apodreciam na pasmaceira provinciana do Largo do Rosario, ou recolhiam-se cedo aos seus quartos de solteiros para estudarem alguma cousa.

Julio, que era então refractario á exhibição do seu corpo mal encadernado, ou ficava em casa estudando e escrevendo, ou frequentava outros collegas que tinham os seus mesmos gostos.

Fundou uma pequena revista para ter campo onde pastassem os seus pensamentos, e nella publicou, entre outros escriptos, a sua peça fantastica — *Nos dominios do jimbo*, cuja celebridade ficou adstricta aos valles do Tieté e do Parahytinga.

Considerava-se um dos membros da grande phalange dos intellectuaes brasileiros, que elle classificava muito commovidamente em *belletristas* e *scientistas*.

Um dia, quando se viu com 25 annos completos, entrou a pensar muito sériamente no seu futuro.

Não era rico; não pudera escrever uma obra que fizesse convergir para si as atenções dos seus contemporaneos; na sua profissão só havia de certo o ordenado que elle recebia pontualmente no fim do mez; não era nem ao menos bacharel... A cousa não ia bem.

Precisava de reagir contra as contingencias que ameaçavam annulla-lo.

Casar-se com moça rica — fôra a sua primeira idéa, que nada tinha de original, mas... emfim, sempre era uma idéa. Toda a sua originalidade, porém, consistiu no modo de concretiza-la e pô-la em pratica.

Primeiramente, abriu um rigoroso inquerito sobre todos os pais ricos de filhas solteiras e casadouras, que não professassem o fetichismo nacional dos *diplomas*, nem dos aneis que se enfiam nos dedos indicadores.

Foi uma laboriosa tarefa em que gastou seis longos mezes sem resultado apreciavel, porque só descobriu dois pais nessas condições, cujas filhas — uma era vesga, e outra côxa.

Mas não desistiu do seu intento, porque elle, que tinha lido as *Mil e uma noites*, entendia, e muito bem, que quem quer chegar ao fim deve ter a decisão da princeza Parizada.



Então, começou a organizar um cadastro muito curioso. Num livro em branco riscou algumas columnas, das quaes, na primeira, inscrevia o nome do chefe da familia a que elle fortuitamente se poderia ligar; na segunda, a residencia desse chefe; na terceira, o nome da filha ou das filhas solteiras por ordem da idade (apparente, já se vê); na quarta, a impressão esthetica ou sentimental que essas moças lhe produziam; na quinta, o nome do filho ou dos filhos, solteiros, casados ou viuvos; na sexta, a occupação ou profissão desses filhos; na setima, o *quantum* mais ou menos approximado da fortuna patrimonial que tocara a cada filho; na oitava, o nome dos amigos ou collegas que tambem fossem amigos do pai das moças, e na nona, finalmente, diversas observações referentes ao assumpto que para elle era da magna importancia.

Este methodo admiravel era uma consequencia do seu tirocinio em escriptorios commerciaes, onde tudo se faz com muita ordem, muita clareza e muita precisão.

Foram outros seis mezes gastos com esse trabalho cadastral, mas ficou uma obra completa e limpa.

Assim, depois de prompta, toda a sua attenção convergiu para a decima inscripção, que continha os seguintes dados :



- Primeira columna : { C.<sup>el</sup> Mariano Soares.  
                                  { Proprietario e industrial.
- Segunda columna : rua das Palmeiras n. 512.
- Terceira columna : { D. Arminda.  
                                  { D. Izaura.
- Quarta columna : { Nem sympathica nem anti-  
                                  pathica.  
                                  { Graciosa.
- Quinta columna : { José, solteiro.  
                                  { Mario, solteiro.
- Sexta columna : { Estudante, sem pretensões.  
                                  { Menino de escola modelo.
- Setima columna : 400 a 500 contos.
- Oitava columna : { Virgilio Braga.  
                                  { E' o melhor pistolão.
- Nona columna : { A mãe parece boa senhora.  
                                  { Tem mais uma filha casada  
                                  com negociante.  
                                  { Parece que o velho não faz  
                                  muita questão de *douto-*  
                                  *res* na familia.  
                                  { Minha irmã dá-se com as mo-  
                                  ças. Baile... ou kermesse?  
                                  { Para indagar sabbado.

{ Na primeira kermesse que houve no Jar-  
dim da Luz, auxiliado pelos bons officios de  
sua irmã, veio á fala com a D. Arminda, e  
dahi a dois mezes estava o Snr. Virgilio Braga  
a pedir ao Snr. C.<sup>el</sup> Mariano Soares a « mão de

sua exma. filha D. Arminda para o seu amigo Julio Marcondes, moço pobre, porém muito trabalhador, honesto, intelligente e cumpridor dos seus deveres ».

O pedido foi aceito, como era natural, e Julio Marcondes, depois de bem installado na vida, ainda escreveu alguma cousa sobre a nossa historia, ficando comicamente celebre o seu opusculo em que pretendeu provar que um dos presidentes da republica chegara a essa alta posição em virtude de ter o nariz disposto de certo modo.

Estava escripto que elle não podia progredir artisticamente.

Pois havia de progredir socialmente.

Depois de casado, tornou-se monarchista ostensivo, e não podia dominar a sua paixão pelos penduricalhos.

Influencias atavicas de Aimbiré ou do sargento-mór Marcondes?

E' provavel que de ambos.

Pois bem! O Papa, que sabe reconhecer os relevantes serviços prestados á Igreja sob a fórma de pingues donativos, recompensou-o com a Commenda da Boa-Morte e com indulgencias plenarias até a quinta geração.

Satisfeita essa sua inoffensiva vaidadezinha, não adormeceu sobre os loiros da victoria.

Trabalha muito, cuida bem dos filhos que não são poucos, vive, gosa, ostenta commedidamente, mas tem ainda tres *desiderata* a realizar. O primeiro é o seu gigantesco projecto de transformar a Varzea do Carmo num estabelecimento de diversões tão variadas e tão completas, que uma pessoa, entrando nelle, não precise sahir para cousa alguma senão para ser enterrada. O segundo é bater o *record* na aquisição das gravatas mais caras que apparecem no mercado. E o terceiro, é ser director de todas as *mutuas* que houver em S. Paulo.

E ha de realizal-os.

A questão é só de tempo.

Agora, já era director de tres...

Eram quasi duas e meia quando entraram o C.<sup>el</sup> Rogerio Lopes, seu filho Dr. Zézinho Lopes e o Dr. Orthépio Gama.

Este ultimo justificou a sua demora com a sessão da Camara, que se prolongara muito por causa de um projecto sobre a introduccção de animaes de raça. Uma maçada!...

{ Era deputado, francophilo, quarenta e poucos annos, casado com *madame* e residia numa bella vivenda em Hygienopolis, cuja adega, bem sortida de raros vinhos, entre os quaes o sublime

*Taphos* figurava como principal elemento decorativo, era mostrada aos visitantes, que nella penetravam recolhidos e contrictos como se entrassem nas catacumbas de um templo gothico.

Na impossibilidade physica e intellectual de exercer as civilizadoras funcções de Petronio, o Arbitro das elegancias paulistas, comprazia-se em ser o caricato Trimalcião dos campos de Piratininga.

A sua francolatria ia ao ponto de escrever correntemente a lingua de Racine, e em casa, com a mulher, com os filhos e com os fâmulos, só falava nessa lingua, nasalizando horivelmente os ditongos e arrastando lamentavelmente os *rr*.

Para elle, sua mulher era a *Ninón* e os criados fardados eram *garrrrçon* e *chasseurr*.

Literato por *dilettantismo* e poeta nas horas de ocio, preferia versejar em francez, e então assignava as suas poesias com o pseudonymo de *Jean d'Anvers*.

Do seu symbolico poema — *Les Fourmilions* — ficaram justamentê celebres estes dois bellissimos versos :

*“ Les fourmis noires sont blanches,  
Les fourmis blanches sont noires...”*

Adoravel !

Adoravel e... rico.

O Coronel Rogerio correu os olhos pelos moveis da sala, como quem procura alguma cousa, e perguntou :

— Não haverá uma escova nesta casa ? Está uma poeira impossivel!... Eu não sei porque é que esta gente da Camara não manda regar as ruas pelo menos tres vezes ao dia. E, então, a Avenida Luiz Antonio!... Eu acho que o Prefeito está com cataratas. Isto precisa ter um paradeiro!... A policia, essa só se lembra de nós para nos aborrecer quando vamos de automovel um pouco mais apressados. Sim... porque, afinal, quem é que paga tudo ? Somos nós, só nós. A maioria do povo é que gosa á nossa custa. Canalhada!... Que será que esses pestes fazem do nosso rico cobrinho?... Havemos de ser sempre os burros de carga dessa corja que se empoleira no poder, para esfolar os lavradores, que são a alma de todo o Estado.

Morava na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio em confortavel palacete, que, um tanto pretencioso nas suas linhas architectonicas e bastante espalhafatoso nas suas tonalidades picturaes, pousava triumphalmente no meio de bem tratados canteiros, cuja verdura e variedade de



matizes mais ressaltavam na alvura do fino pedregulho que cobria as ruas do jardim, e das majestosas escadas de marmore que davam accesso ao primeiro pavimento.

No gradil da frente, obra notavel de fundição estrangeira, assente sobre largo parapeito capeado de cantaria lavrada, algumas trepadeiras disputavam a primazia no emaranhado do desenho, e só os dois altos portões de duas pesadas folhas cada um, giravam debaixo das monumentaes bandeiras, livres das fantasias vegetaes.

Proprietario de uma grande fabrica de tecidos, fazendeiro de café em Descalvado e socio de importante casa commissaria em Santos, fora candidato a um alto cargo de eleição; mas á ultima hora, depois de já ter gasto muito dinheiro com a sua candidatura, os seus amigos politicos sacrificaram a sua velleidade em virtude de interesses muito elevados e motivos muito ponderosos. Dahi o seu natural despeito, que agora extravasava em catilnarias verbaes contra os dirigentes. Mas só verbaes, porque, quanto ás escriptas, era uma lastima: — ou não as escrevia, ou quando as assignava de cruz, era uma verdadeira epidemia de riso em todos que as liam.

Tinha mais de sessenta annos e um só filho, o Dr. Zézinho, que entrara com elle.



Este contava pouco mais de vinte e tres annos e estava casado ha pouco menos de dois. Era *bacharel* em direito, mas não advogava. Formara-se porque o pai queria que o seu unico filho fosse *doutor* para honra da familia.

De ha muito que o Dr. Zézinho vinha pondo em pratica essa honra, porque — não advogava, frequentava regularmente o *Casino* e, alta noite, era assiduo frequentador dessas *pensões* que não têm hora de fechar, e cujos dormitorios têm as portas tão fracas que cedem facilmente e promptamente a qualquer chave, desde que esta se apresente sob a fórma de uma nota de cem mil réis...

Quando estudante, o seu aproveitamento foi sempre negativo no que dizia respeito ao conteúdo dos compendios — esses horrendos *calhamasos*! — como elle pittorescamente os designava, trocando o — *li* — por — *i* —; de sorte que o pai, por occasião dos exames, não se podia esquecer dos amigos que eram das relações dos lentes e examinadores. Uma cartinha deste, um cartãozinho daquelle, um pedidozinho verbal daquell'outro, eram os degraus da escada por onde Zézinho subia aos pincaros do saber official.

E chegou a subir, porque os lentes e exami-

nadores ficavam muito commovidos quando os *empenhos* lhes provavam, com persuasivos exemplos, que *ninguem deve dar sôccos em faca de ponta*.

Zézinho, porém, em duas cousas, aproveitava positivamente a olhos vistos: — era no vestir com apuro e no esbanjar o cobre do velho.

Como a segunda não era tão ostensiva quanto a primeira, alguns dos seus collegas mais ricos de intellecto e muito menos providos de recursos materiaes, quando elle sahio da solemnidade da collação de grau, murmuraram, ao vê-lo passar, todo glabro no rosto e todo correcto na sua impeccavel casaca:

— Este é um illustre *bacharel* em roupas!

Seria inveja? Olhem que a inveja, além de ser uma paixão vergonhosa, é um peccado mortal, senhores pobretões.

Agora, que o pai, mal humorado não só pelo fracasso da sua candidatura, mas tambem por haver perdido, na noite passada, a insignificancia de quãtro contos á mesa do *poker* no *Club*, pensava, elle tambem, no descaso com que a administração publica trata o conforto dos grandes contribuintes. E vieram-lhe á mente curiosas idéas sociaes, emquanto o pai raivosamente escovava as vestes empoeiradas...

Entrara para casa depois das duas horas da

madrugada e não pudera quasi dormir, porque, quando ia pegar no somno, principiou o movimento dos bondes e das carroças, que faziam um barulho infernal.

Então, pensava elle que se devia acabar com os bondes electricos, com os carros de praça e com as carroças. Pois não estão ahi os automoveis, cujo numero augmenta de dia para dia? Até os ha já para cargas. E então quando ficarem mais baratos, hein?! Ha de ser o mesmo que aconteceu com as bicicletas. Qualquer pé rapado ha de ter o seu automovelsinho.

Lá pela poeira, isso não; porque os automoveis ainda levantam mais pó do que os outros vehiculos, e até fazem mais barulho, quando os motores roncarn e as trompam gritam.

Tambem deixam atrás de si um fétido horrivel de gazolina queimada, e sujam as ruas com oleo esverdeado, mas... é distincto, é *chic* andar-se de automovel.

Oh! Um 40 HP. é soberbo! Depois, quem anda dentro delles não fica sujo pela poeira, nem sente o mau cheiro da rabeira...

Os que vão fóra, á pata, que se arranjem, ora essa é muito boa!...

E a Prefeitura que mande regar as ruas muitas vezes por dia, como diz papai, ou que mande calçar as ruas de borracha. Pois então?! de borracha,

sim, senhores, que, além de não fazer poeira nem barulho, ainda dará largo consumo a essa riqueza do norte do Brazil, que por signal, está em crise como o nosso café. Pois, sim, senhores; aqui está uma idéa original! Mais uma futura applicação da borracha, que pode ser de grande futuro. Hei de falar della ao Juvenal, que tem a pretensão de ser o rapaz mais original da nossa roda.

Accendeu um cigarro, veio á sacada olhar para baixo, onde uma fila de bondes parados esperava que cessasse a costumada obstrucção de vehiculos nos *quatro cantos*, e esses vehiculos ainda forneceram mais pábulo ás suas idéas:

— Os bondes electricos vieram tornar mais suave o trabalho dos burros... E' verdade: — já se pode ser burro em S. Paulo, pois até ha bebedouros para elles nas praças publicas. Ali mesmo, no largo de S. Francisco, ás portas da Academia, existe um... Que sabia providencia! Que providencia salutar! Quanto burro antes disso não soffria sêde?!... Agora não; todos bebem á vontade. Ah! Se os burros falassem, é bem possivel que algum que por aqui viesse de passeio, ao ver tantos melhoramentos para a sua classe, exclamasse, parodiando a celebrissima Sarah Bernhardt:

— S. Paulo é o paraíso dos burros!...

Pois bem; os automoveis hão de substituir os bondes, e assim as nossas ruas e avenidas ficarão limpas dessa floresta de postes-mostrenhos, e o ar ficará varrido dessa barafunda de fios que cobrem a cidade como se fosse uma gigantesca teia de aranha...

Um dia metteu-se-lhe na cabeça que havia de seduzir a esposa do seu collega Augusto Fiusa.

Esta senhora era o prototypo da fidelidade conjugal, — qualidade, felizmente, muito common nas senhoras paulistanas que se não deixam escravisar incondicionalmente pelas modas parizienses.

Formosa, intelligente e vivaz, tinha verdadeira paixão pelo marido, que, aliás, era digno della.

Espirito observador e profundamente intuitivo, bem cedo comprehendeu a capital differença que ha entre o simples desejo e o verdadeiro amor. Deste, sabia por experiencia propria que é um sentimento capaz de produzir os mais bellos actos de heroismo e de abnegação, mas não ignorava que o desejo, paixão animal por excellencia, tambem tinha a virtude de cobrir de ridiculo todos os seus dominados.

E então, como gostava de rir, porque enten-



dia que o riso franco e são é tão indispensavel á vida como o oxigenio ao sangue, deixava-se embalar nas doçuras do *flirt*, para apreciar *de visu* todo o grotesco de que os homens mulherengos são capazes.

Mas elle, o Zézinho, conhecia tantos exemplos em que estribar a sua pretensão, que muito longe estava de julgal-a estulta.

Ainda lhe estavam bem presentes as idéas que Juvenal, um dia, numa das suas tiradas ironicas, lhe expuzera sobre a actual epidemia dos adulterios...

Recordava-se perfeitamente de que elle dissera que deviamos ser tolerantes e complacentes para com as mulheres casadas que escorregam. Coitadas! São victimas do actual *sportismo*... Uns correm loucamente em automoveis, para baterem o *record* da velocidade... Outros ainda mais loucamente sobem ao ar em aeroplanos ou dirigiveis, para baterem o *record* da altura... Estes estropiam horivelmente o corpo com o abuso do *foot-ball* ou do *box*, para baterem o *record* da agilidade ou da força... Aquelles equiparam-se estupidamente aos animaes de corridas, para baterem o *record* da distancia...

Todos querem bater o *record* seja lá do que fôr.

Ora, se muitas mulheres já conseguiram bater



o *record* da *postição*, que admira que ellas, depois disso, pensem tambem no *sport* do adulterio ?...

O excesso dos postiços que ellas usam leva-as naturalmente ás affeições postiças, e então atiram-se de corpo e alma á caça do novo *sport*, para baterem o novo *record*... E' tão bonito andar bem vestida e cheia de joias, como essas *demoiselles* que passam escandalosamente pelo *triangulo* em automoveis abertos; que vão á Antartica estadear o seu luxo e a sua falta de decôro, ou que enchem as frizas e camarotes de primeira ordem com as suas sedas, as suas pelles e as suas fulgurantes pennas... de *pato*.

Oh! Era muito boa aquella do Juvenal dizer que cada joia que fulge no corpo dessas perpetuas solteiras, é uma preciosa penna de pato. E como ha *patos* depennados por ahi!...

E, depois... não está ahi o providencial *jogo do bicho* para servir de capa a todas as inverosimeis patifarias extra-conjugaes?!...

E elle, na sua cegueira de conquistador bissonho, tomava como boas as trocistas idéas de Juvenal, e fazia dellas o seu Evangelho de D. João provinciano.

E foi o caso que elle de tal modo apertou o cêrco, que a assediada não achou outro remédio senão dar o grito de alarme, prevenindo o

marido. Este, que também era franco partidário das boas e inoffensivas troças, disse á esposa que abrisse a brecha e que apparentasse uma capitulação em regra.

No dia apazado para o desfraldamento da bandeira branca, o assaltante, impando de másculo orgulho, penetra na praça; mas no momento em que os belligerantes parlamentavam, surge o Dr. Fiusa de revólver em punho, acolytado por dois respeitaveis marmanjos de feias cataduras e de grossas *piuvas* em punho, que guardavam religiosamente a porta de entrada.

E o Dr. Fiusa, muito jovial, muito tranquillo, cumprimentou ligeiramente o seu collega Dr. Zézinho, e dirigindo-se á esposa:

— O' Zizinha; já mandaste chamar o lavador de casas?

— Ainda não, Augusto.

— Bem. Visto que hoje é sabbado e o nosso telephone está imprestavel como sempre, vamos aproveitar os bons serviços aqui do senhor...

E dirigindo a palavra ao Dr. Zézinho:

— Vamos lá, que está com muita sorte hoje. Vai ganhar os seus cinco milreizinhos, hein, seu maganão?!

E o Dr. Zézinho lavou toda a casa do seu collega, recebeu cinco mil réis pelo seu trabalho

e passou recibo, cuja firma o Dr. Fiusa teve o cuidado de mandar reconhecer.

A noticia desse successo foi como se tivesse cahido um raio na casa do Coronel Rogerio.

E dahi a um mez estava o Dr. Zézinho casado com uma prima.

Elle ainda quiz recalcitrar:

— Mas... papai! Eu não tenho inclinação alguma por ella, e creio que ella tambem não gosta de mim. Será um horror! Um casamento sem amor algum de parte a parte...

— Qual amor, qual carapuça! retorquiu o energico Coronel. Isso é bom para as costureirinhas ou para as engommadeiras, que perdem a cabeça e até se suicidam, ás vezes, por qualquer barbeirinho de pastinhas ou por qualquer caixeiro de bigodinho em pé. Nós não temos tempo para isso de amor... Não seja creança e faça o que lhe digo, se não quer que alguém ainda o mande lavar... casinhas. Vejá lá se é para isso que você tem uma carta, hein?!...

Que remedio? Casar e... cara alegre.

Quanto ao amor... isso era cousa para resolver no *Casino* ou nas *pensões* de luxo.

O Coronel Rogerio já tinha escovado a roupa, e agora entrara no assumpto da reunião:

— Então quantos somos já, snr. Silveira?

— Por enquanto somos onze, Coronel. Olhe, faça o favor de ler a lista...

— Sim, senhor; vamos bem, vamos bem.

E lendo a lista, exclamou:

— Oh! O Alexandre Rossi tambem?... Então a cousa vai adiante.

O Alexandre Rossi era um bello typo de latino cruzado com saxonio e semita. O seu exterior tinha qualquer cousa de rebarbativo, mas no moral é que se manifestava a belleza resultante daquelle triplice cruzamento.

Viera da Italia com o firme proposito não de *fazer a America*, mas de *gosar a America*, que é cousa muito differente.

Era um dos taes que tambem pretraçara a sua directriz...

Technico intelligente, faltavam-lhe, porém, os sufficientes elementos materiaes para a realização dos seus planos.

Mas o meio era propicio á eclosão da sementeira.

A nossa terra é e será por muito tempo ainda o melhor terreno para toda a especie de cultura.

A primeira semente que Rossi atirou numa

larga jogada cahiu nos olhos de uma sua patricia que aqui residia, e dahi foi descendo paulatinamente até ao coração, onde germinou, cresceu e floriu sob a fôrma desse irreprimivel sentimento que é o amor.

Era uma bella mulher, pobre de dote mas riquissima de paixões. Sobre todas, porém, dominava a paixão do luxo.

Casaram-se.

Conhecedor da paixão que predominava em sua mulher, vestiu-a e adornou-a admiravelmente, embora para isso fizesse grandes sacrificios e contrahisse mesmo alguns empréstimos.

Mas tudo isso estava previsto: — era um dos aspectos da sua sementeira.

E a mulher, assim encadernada, exhibida em publico nos lugares de mais evidencia, produziu profunda impressão no espirito dos *mirones*, que não podem ver uma mulher vistosa sem indagam logo dos respectivos antecedentes e consequentes.

Era a semente a germinar. Para Rossi, que conhecia a psychologia dos meridionaes em geral, tudo corria ás mil maravilhas.

Nesse tempo o Dr. Claro da Silva, que era deputado influente e filho de pessoa bem collocada na administração publica, havia-se tornado celebre nas boas rodas pela sua nevrose erotica.



Logo que viu a mulher de Rossi, numa das noites em que ella deslumbrava toda a sala do *Polytheama*, não se conteve e exclamou sem reserva alguma :

— Que esplendida mulher! Hei de fazê-la entrar para o meu rol...

Estava formulado o pensamento volitivo.

Era o bastante, porque o começo da realisação principia no acto do querer.

O ambiente agitou-se, e as ondas ethereas, postas em movimento pelo acto da vontade, fizeram vibrar sympathicamente o cerebro de Rossi.

O seu principal plano era estabelecer uma industria, que só poderia desenvolver-se e prosperar á sombra do mais feroz proteccionismo. Essa sombra era a condição *sine qua non* do exito em perspectiva. Mas... como produzi-la? Onde encontrar a arvore frondosa que beneficamente a projectasse?

Só apellando para a influencia de alguem, que a tivesse tambem nas classes dirigentes.

Mas veio a vibração, e... dahi a dias Rossi pedia a um amigo que o apresentasse ao Dr. Claro da Silva.

As conferencias repetiram-se no escriptorio do Dr. Claro, na residencia de Rossi; e a sociedade industrial, dentro em pouco, foi uma realidade.



O talento tecnico de Rossi, a plastica admiravel de sua mulher, a influencia do Dr. Claro e a posição de seu pai, e, principalmente, a tal sombra tão desejada, — tudo contribuiu para o brilhante exito da industria.

Ao fim de quatro annos, quando Rossi não precisava mais de socios *in utroque*, quando o Dr. Claro já estava enfiado de tanta belleza plastica que definhava de dia para dia ou, antes, de noite para noite, foi este excluido da sociedade, da qual retirou o melhor de quinhentos contos de réis e conservou a grata recordação dos deliciosos momentos em que a sua nevróse se exercia entre o fluir de expressões ternas na doce lingua de Stecchetti.

Rossi tinha chegado ao fim da directriz. A's vezes lançava um olhar retrospectivo, e via um ou outro filho cuja physionomia lhe despertava reminiscencias vagas de similhanças extra-conjugaes; mas via tambem a sua mulher, que, depois de completamente saciada na sua paixão predominante, era agora tão honesta como qualquer polaca... aposentada.

E uma calma superior baixava sobre o seu espirito, quando o inventario dos seus haveres lhe falava na muda eloquencia dos algarismos representativos de effeitos de positivo valor.

Que lhe importava a elle que outros seus

compatriotas tivessem enriquecido com a introdução ou a passagem de notas falsas; com furtos no peso ou na medida; com falcatruas em vinhos ou em azeites ?

Elle estava com a consciencia tranquilla, porque havia dotado a nossa terra com uma industria de presente rendoso e de brilhantissimo futuro.

E o Coronel Rogerio, depois de lêr todos os nomes, concluiu :

— Pois, para fecharmos a duzia, aqui está a adhesão do meu amigo, o Barão de Athayde.

Era uma das poucas fortunas providas da antiga exploração da escravatura, e que tinham resistido até agora ao providencial castigo da sua abjecta origem.

Quasi sexagenario mas de uma extraordinaria energia, ainda hoje, ao passar-lhe por perto qualquer negro calçado, de camisa engommada e gravata, ou qualquer negra dentro de uma saia *entravée*, barreada de pó de arroz e tresandando a *budum*, cerra os dentes, torce o nariz, fuzilam-lhe os olhos, e resmunga :

— Ah! Peste! Quem te déra um bom cabo de guatambú, ou um bello *bacalhau* de cinco rabos!

Quando pequeno, montava de esporas nos escravos da fazenda paterna e fazia-os corcovear no terreiro sob as francas risadas da familia, que á sombra do longo alpendre apreciava as suas precoces habilidades de cavalleiro.

— Que menino activo! commentava o pai com a sua natural bonhomia. Este ha de ser alguma cousa.

E foi, isto é, e era.

Muito esmolér. Tinha a bossa do beneficio, mas queria que todo o mundo soubesse das suas dadivas, para não estar sempre a allegalas. Entendia que tornando-se publicas, evitavam-lhe a grande maçada de sobrecarregar a memoria, que elle occupava com outras cousas de maior vulto.

Possuia muitas casas de aluguel, e os seus inquilinos, que certamente não era ricos, quando liam em qualquer jornal a noticia de um donativo feito pelo «benemerito Barão de Athayde» para este ou para aquelle fim, já sabiam o resultado. No mez seguinte o procurador apparecia-lhes muito cheio de mel na voz, de caspa na gola do paletó, os bolsos cheios de papeis enebados, e avizava-os:

— O excellentissimo Senhor Barão augmentou dez mil réis no aluguel, a principiar do fim deste mez em diante...

O pai delle tinha sido propheta!

Era impossivel reunir maior e melhor numero de elementos pessoases, que contribuissem para o completo exito da nova empresa. Nem escolhidos a dedo.

Aufeririam proventos? E' possivel. Mas, — que diabo! — dinheiro parado não rende. E' preciso estabelecer-se a circulação porque a circulação é a vida.

Além disso, essa gente precisava de qualquer occupação, para não apodrecer no ocio dissolvente.

Discutiram o projecto de estatutos e assentaram que a associação teria o nome de

### MUTUA UNIVERSAL.

— Agora, disse Silveira, só nos resta tratar de um ponto que eu considero muito importante. E' o caso que a propaganda, nesta especie de empresas, exige muito dispendio de dinheiro. Ora, se nós pudermos arranjar quem entre com uma grande parte dessa propaganda, será ouro sobre azul.

— Bem lembrado, disse o Coronel.

— Eu tambem acho, papai.

— Mas quem ha de ser essa pessoa ? interrogou o Coronel. Já tem alguém em vista, snr. Silveira ?

— Eu lembrei-me do Dr. Araujo Reis que julgo um bom elemento sob todos os pontos de vista. Escreve muito bem, tem certa influencia, etc...

Effectivamente, o Dr. Araujo Reis era o mais completo exemplo vivo da perfeita conciliação de um peregrino talento com o character o mais abjecto.

Todos os seus actos, publicos ou privados, confirmavam a theoria philosophica de Le Bon.

Falando, era eloquente ; mas escrevia muito melhor do que falava. Ninguem como elle sabia passar uma descompostura em lingua escorreita de estrangeirismos, mas lardeada de tiradas causticantes de insolita malevolencia ou esfusiantes de ferina e graciosa ironia. Unico na especie !

Poeta original, magro como um caniço, bebberrão como uma esponja sêcca, femieiro como um satyro, — chegou a ser considerado o Verlaine brasileiro.

Depois de casado, o tecido adiposo desenvolveu-se-lhe na mesma proporção que a fortuna, de modo que ainda era o mesmo poeta,



menos borracho, é verdade, mas forrado, agora, das enxundias de *Falstaff*.

Malleavel como a cera, instavel como o ar, versatil como um cata-vento, escorregadio como uma enguia que nos escapa das mãos limpas; incapaz de córar porque não tinha a minima noção do pundonor, — amoldava-se a todas as situações, em todas se sentia bem e de todas sabia tirar partido.

Tão raras aptidões numa só pessoa estavam a calhar para o moderno jornalismo. Aproveitou-as, fazendo-se jornalista.

A sua penna poz-se logo ao serviço de quem mais e melhor lhe pagasse.

Mais venal do que qualquer marafona, mais insaciavel do que um Pantagruel auri-faminto, para elle era indifferente que uma causa fosse justa ou que uma pessoa tivesse razão.

O essencial era saber se havia interessados e se estes estavam ou não dispostos a canalizarem para a caixa do seu jornal os elementos monetarios com que elle ia forjar os seus argumentos *ad hominem*.

Certo dia, qualquer um dos interessados em certa causa, irritado por elle não querer continuar a defesa da mesma a titulo gracioso, confessou publicamente que lhe tinha comprado a anterior opinião... Veiu o mundo abaixo! Entre



outros argumentos com que se defendeu da pecha de venal, disse que no terreno das vergonhosas transacções, tão vil é quem suborna como quem se deixa subornar, e que se o subornado afocinha em fétido lamaçal, arrasta consigo o subornador...

Era famoso o seu *Jornal*. Embora lá uma vez ou outra nelle se lêsse: «*O nacional Fulano*, hontem, foi preso...» ou: «*A nacional Sicrana*, que estava embriagada...», designações antipatrioticas e falsas, que dão a entender que todos os *nacionaes* são pretos e mulatos, e que, infelizmente, são repetidas pelos cozinheiros dos *Factos diversos* da maioria da nossa imprensa, era ainda assim um jornal que podia ser lido com prazer por todos os amantes da pureza... léxica.

O resultado foi que dentro de cinco annos, o Dr. Araujo Reis era o seu unico proprietario e estava rico.

Era, pois, mais uma pessoa considerada e consideravel, que podia hombrear com os fundadores da *Mutua Universal*.

Juvenal, ao ouvir a implicita proposta de Silveira, pensou para si:

— Assim, ficaremos treze. Quem será o Judas desta situação ?

Mas tranquillizou-se, quando comprehendeu que esse Judas não podia ser de modo algum o Araujo Reis, porque este, na nova associação, nada perderia, nem a vergonha, que era cousa que elle não possuia. E desde que a empresa dêsse algum resultado, podia-se contar com elle pela certa.

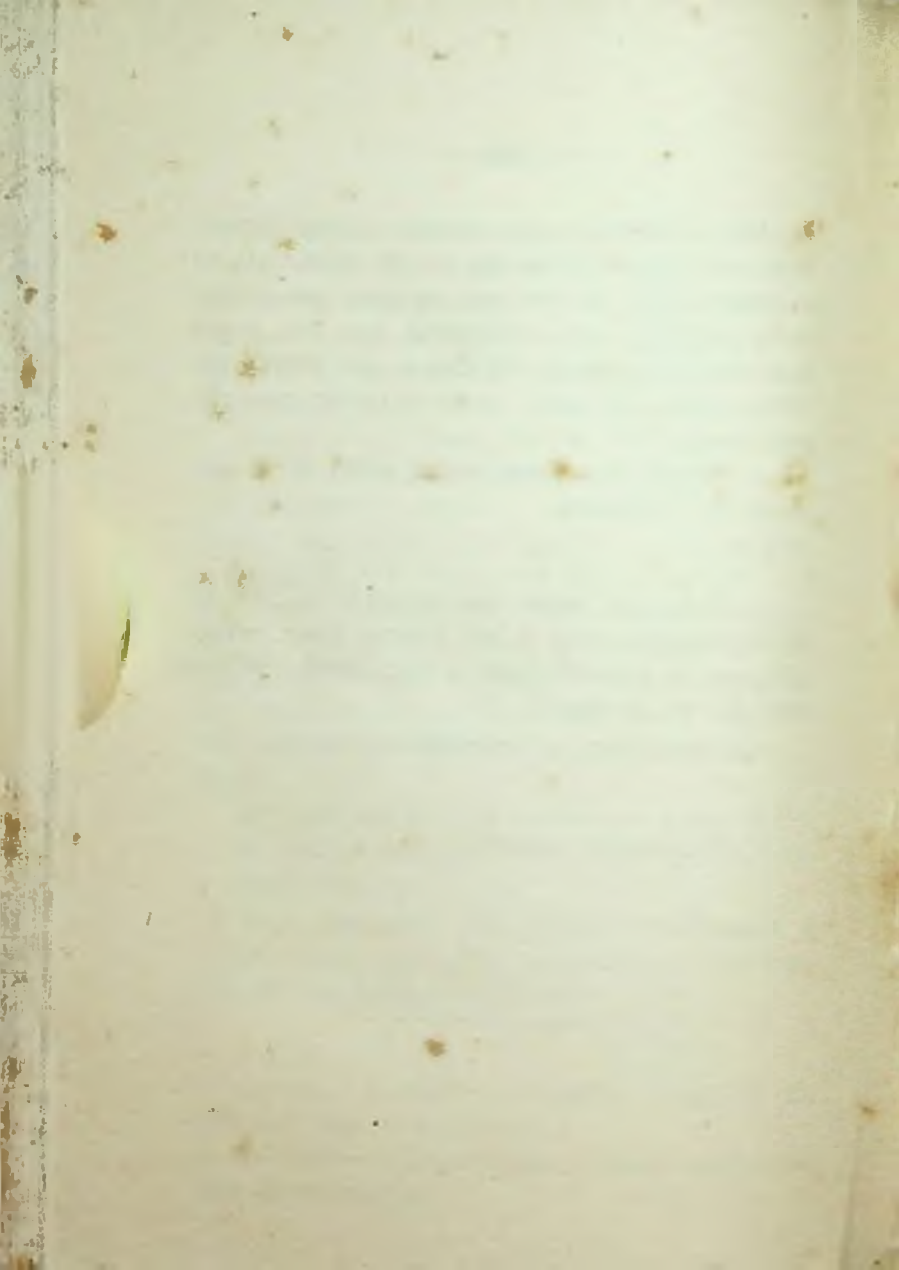
— Depois, ha quem tenha muita fé no numero 13. Veremos.

— Pois está muito bom, concluiu o Coronel. E eu proponho que o Snr. Silveira fique incumbido de se entender com o Dr. Araujo Reis a respeito do assumpto.

— Muito bem, — responderam todos.

E levantou-se a sessão.

---



VI

**INTERMEZZO**



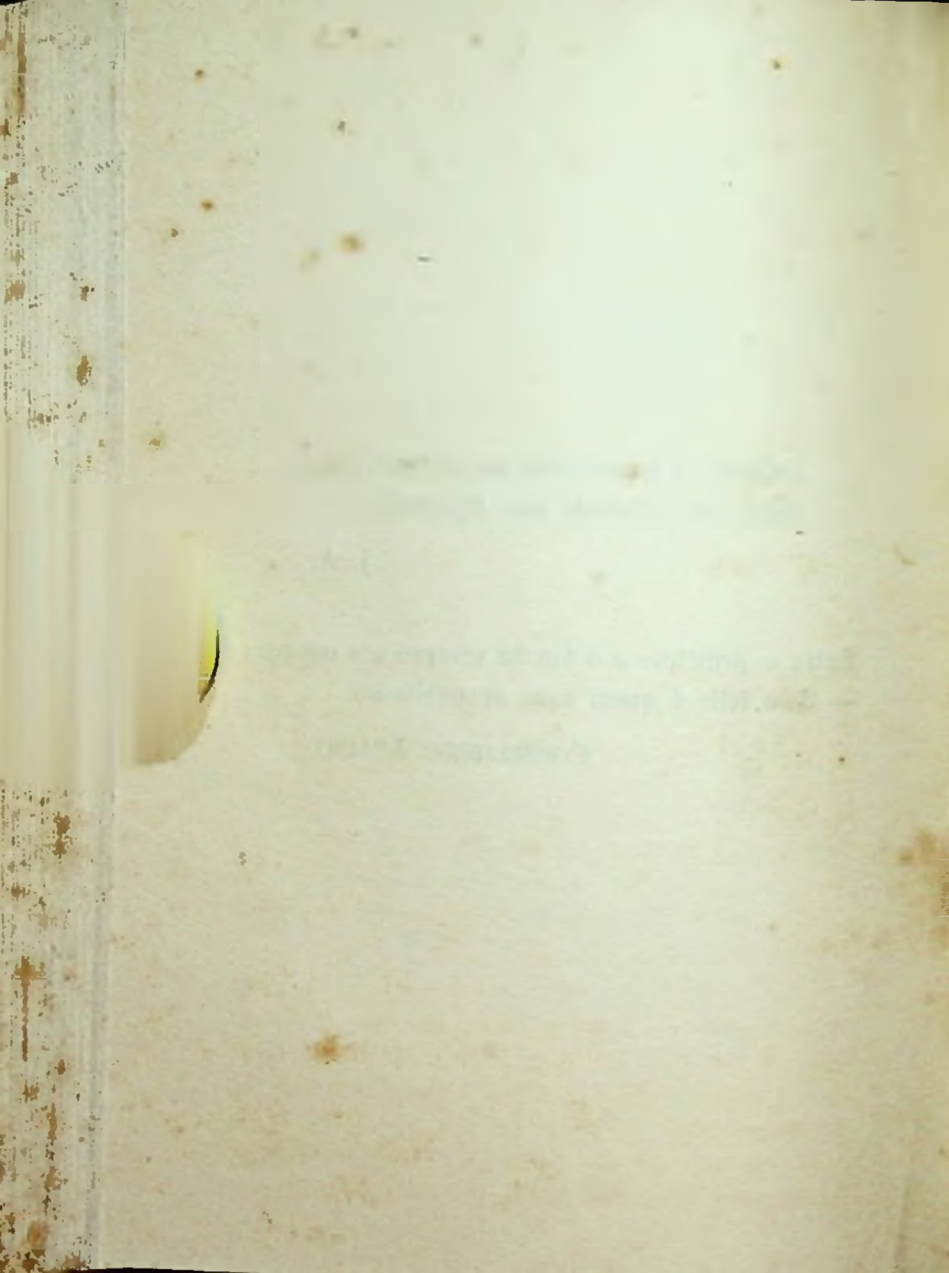
Delgado e breve qual um simples traço,  
Aqui fica vibrando este intervalo.

J. A.

Entre o principio e o fim ha sempre um espaço :  
— Bem feliz é quem sabe aproveitá-lo.

CONSELHEIRO ACACIO.







LEIVAS Gomes não se podia consolar da falta de uma cadeira electiva, em que repousasse o seu respeitavel posterior.

Era, positivamente, uma victima da paixão das cadeiras electivas, paixão essa, aliás, muito menos perigosa do que a *peste de cadeira*, que tantos estragos produz por esse mundo a fóra.

E o facto é que elle podia aspirar a uma cadeira electiva, porque, se a politica o impedira de sentar-se entre os brasileiros immortaes, essa mesma politica poderia reservar-lhe um lugarzinho entre os pais da patria. Para isso, confiava não só na tenacidade dos interesses pessoases e na versatilidade das opiniões do pu-

blico, mas contava tambem com a influencia da familia de sua mulher e com a sua natural loquacidade.

Quantos ha por ahi que aspiram como elle, mas não podem dispôr dos mesmos elementos constitutivos do exito!... Depois, quando occorre o desmoronamento dos seus projectos sem base, vociferam contra a irresistivel força dos factos consummados. Tornam-se pessimistas, os coitados! e esquecem-se de que o mundo é dos optimistas.

Ora, succedeu que, solicitado pelos seu amigos, elle partira, depois da fundação da *Mutua*, para o interior, onde a sua candidatura á deputação federal apresentava probabilidades de ser bem succedida, visto os seus antigos adversarios terem-se congraçado.

Nesse tempo estavam em moda os *congracamentos*, essas complicadas transacções da alta politica, em que o principal elemento é o patriotico interesse da conservação do mandonismo local exercido por certas e determinadas pessoas, sempre as mesmas.

Andou por lá quasi dois mezes, e os boletins eleitoraes, publicados pela imprensa da capital, davam-lhe votação sufficiente para poder considerar-se eleito.

Mas, apesar da apuração ter sido feita com

todas as formalidades legaes intrinsecas e extrinsecas, no Congresso Federal a *Commissão de reconhecimento* entendeu em sua alta sabedoria que essa apuração era passivel de uma depuração.

Transcendentes razões que não estão ao alcance dos leigos em peloticas, isto é, em politiquices, influiram, pois, para que elle fosse legalmente depurado, ou *degollado*, como se diz na gíria parlamentar.

Não fôra o unico a soffrer esse incruento supplicio; mas, embora o mal de muitos consolo seja para cada um, elle... não se podia consolar da falta de uma cadeira electiva, em que repousasse o seu respeitavel posterior.

Agora, viera de novo passar algum tempo na capital, onde a vida intensa com os seus divertimentos sempre ao alcance de quem os pode pagar, lhe serviria de ticha de relativa consolação.

Nos primeiros dias, após o seu regresso, tudo lhe servia: — theatros, cinemas, Antartica, Jardim da Luz, Bosque da Saúde, Ipiranga, Cantareira. }

Procedia como quem tem profundos pezares e os afoga em alcoolicos sem escolha.

Não bebia, mas atordoava-se nas agglomerações populares de que dimanam expressões chulas e confusos odores de réles extractos e de estomagos aziumados.

E se não frequentava o *Casino*, onde a grosseira lubricidade pede meças á falta de decóro, era porque lhe repugnava, como sempre, descer ás supremas abjecções.

Lá porque fôsse casado, isso não!

A legitima esposa nunca é um obstaculo insuperavel para os contrabandistas das paixões rasteiras; mas elle ainda possuia o instinctivo horror de fazer correr a sua penna sobre os carnaes palimpsestos femininos, por mais tentadores que elles fossem, ou por mais limpos e perfumados que elles se mostrassem.

Nesse dia santo, á tarde, sahia elle do *Radium*, onde pacientemente assistira á *matinée*, quando passava á porta o seu amigo Juvenal, que elle ainda não tornára a ver desta vez.

— O' Juvenal! Vem cá, vesicatorio de carne e osso! Deixa lá ver esse abraço!

— O' Leivas! Graças aos deuses da espada, que vejo ainda a tua cabeça no seu lugar, apesar de teres sido *degollado* com todos os *ff* e *rr*. E' um milagre da politica, hein?!...

E abraçaram-se.

— E como vai a nossa *Mutua Universal*?



— De vento em pôpa, meu velho, se é verdade o que me têm dito o Silveira e o Dr. Zé-zinho. Imagina tu que em menos de dois mezes já está completa a primeira série. Já é, hein?!...

— Estimo, estimo. Vamos tomar um aperitivo, e conversaremos.

— Vamos lá.

E foram andando.

Na praça Antonio Prado era grande a animação áquella hora.

Os passeios lateraes e a tradicional *Ilha dos Promptos* ao centro, estavam litteralmente obstruidos de gente. Uns esperavam os seus bondes, outros esperavam a probabilidade aleatoria de um convite para o *vermouth* ou a *pharmacia*, e alguns não esperavam nada, mas matavam o tempo em ver o que nada tinha de vistoso.

— No *Castellões* ou na *Brasserie*? interrogou Leivas.

— Vamos á *Brasserie*. Não me agrada a freguezia que a estas horas frequenta o *Castellões*.

— Porque?

— Ora! Não ha nada mais desagradavel do que a gente comer ou beber, sentindo ao mesmo tempo uma confusão de perfumes... Parece que se está comendo cosmeticos ou bebendo agua de sabonete. Nada! Ahi ha muita luz e muito perfume. Receio ficar tonto, meu velho.



E entraram na *Brasserie*.

A' mesa, entre o vagaroso chuchurrear do *vermouth*, Juvenal deu o tom para o inicio da palestra :

— Então, Leivas! Deixa-te desse ar macambusio e dize como foi isso, homem! E' uma oportunidade para desabafares... e o desabafar é bom.

— Para vires depois com a tua historia dos pratos... sujos, hein ?!

— Juro que hoje não metto os pratos na conversa, nem *vice versa*. Não vês que hoje estou de uma sériedade á prova de... fogo? Até nem quiz entrar no *Castellões*. Portanto, podes contar a cousa como a cousa foi.

E Leivas, finalmente, instado assim, contou o como e o porque se julgava eleito. A eleição não podia ter sido mais liberrima, e os votos que lhe foram dados e apurados sob a mais vigilante fiscalização...

— Ah! Os documentos estão commigo... Tenho provas inconcussas! exclamava.

Estava collocado em terceiro lugar, no seu districto, que dava quatro... quatro! E depois de um trabalhão destes, aquelles... senhores da *Commissão de reconhecimento*, zás! depuração.

— O' Leivas! Já te disse que estou hoje

muito sério. Pois bem! Vou provar-te em poucas palavras essa sériedade, entrando de frente no mais sério assumpto, que é o teu. O milagre da tua cabeça no seu lugar suscitou outro milagre, pois vais ouvir-me falar de politica. O' Leivas! Eu a falar de politica, hein!?

— Sou todo ouvidos, mas — vê lá; não arranhes muito.

— Já te disse... Agora, a prova:

Tu sabes que a originalidade é um dos principaes elementos da vitalidade moral dos individuos e das nações.

— Perfeitamente.

— Qualquer individuo que se limita a imitar servilmente, é um fallido moral, é um homem morto. Pois tambem qualquer nação que não manifesta originalidade em cousa alguma, é uma nação liquidada, que está prestes a desaparecer do convivio internacional, ou a ser tutelada e protegida por qualquer outra mais forte e original nos seus emprehendimentos. E sempre foi assim.

— Vais indo bem, Juvenal; estou de accordo.

— Os romanos foram originalissimos até um seculo antes da era vulgar. Criaram a sciencia do Direito antes de qualquer outro povo ter pensado nisso, organizaram exercitos como ainda se não tinha visto outros no mundo antigo,

e até inventaram um modo de pescar os navios inimigos. Sempre a originalidade, hein!

— E' exacto. Duilio e os carthaginezes... Tu ainda te lembras da historia, hein, Juvenal.

— Então sabes que o Senado romano decretou que um flautista acompanhasse o triumphador Duilio, tocando sempre, em publico, para que as atenções do povo fossem monopolizadas pelo glorioso Consul.

— Não; do flautista não me lembrava mais. Mas da pesca dos navios carthaginezes... isso me lembra muito bem. Foi uma invenção admiravel!

— Ahi tens, que á originalidade do Consul correspondeu a originalidade dos representantes do povo. E enquanto esse povo não teve a idéa de conquistar a Grecia, tudo ia muito bem, quanto á sua vitalidade moral.

Veiu a conquista, cousa que já não era nada original, porque os romanos estavam fartos de conquistar; mas a falta de originalidade tornou-se imperdoavel quando os conquistadores entraram a imitar a civilização e até a propria lingua dos vencidos ou conquistados.

Essa imitação foi a brecha por onde penetraram todos os elementos dissolventes do mais famoso imperio que já houve no mundo. Não sei se foi a justiça da Historia ou da Providen-

cia. O que eu sei, o que tu sabes, é que mais uma nação desapareceu do scenario universal por falta de originalidade nas suas concepções e nos seus emprehendimentos.

— Mas, aonde queres tu chegar? Ainda não ouvi nada de politica, na geral accepção do termo...

— Ahi vou. Espera, que não perdes por esperar. Nós não temos originalidade alguma.

— Essa é forte, Juvenal!

— Mas é verdadeira... Nas bellas artes e na literatura imitamos tudo que é bom e mau, principalmente o que é mau. Em politica, então — é agora! Em politica, digo, somos uma lastima. Tudo que é processo corruptor, posto em pratica pelas diversas nações antigas e modernas, é servilmente imitado por nós. O eleitor já se vai convencendo de que o seu voto é a cousa mais inutil do mundo. E aquelle mesmo que vende o seu voto, embora não o considere inutil de todo, tambem já se vai convencendo de que essa venda nada tem de original, porque é uma das nossas muitas imitações.

Quanto ao *suffragio universal*, bem vês que não passa de retumbante phrase para figurar na Constituição, e esta, para rimar com aquella phrase, tambem se chama *pacto fundamental*, — dois hemistichios perfeitos, que talvez ainda



venham a figurar em qualquer óde ao liberalismo democratico, aproveitados por algum dos nossos muitos poetas que têm a faculdade laudativa muito desenvolvida. O Leonel, por exemplo...

Ora, á vista disso, se não quizermos ser condemnados á fatal dissolução, devemos reagir, impondo a nossa originalidade.

E' claro que devemos tira-la do nosso proprio *subtractum*, que é constituido pelas nossas qualidades e pelos nossos defeitos. E' o mesmo que nos servirmos da prata de casa...

Bem. Os nossos defeitos são em maior numero do que as nossas qualidades...

— O' Juvenal, não exageres tanto.

— Deixemo-nos de sentimentalismos piegas... Esta ainda não é uma das verdades muito duras de ouvir.

Mas, continuando:

Temos, pois, muito mais onde escolher entre os defeitos... Isolemo-los, para melhor podermos aprecia-los...

Na mesa que lhes ficava á esquerda, junta á parede, dois freguezes sacolejavam os dados dentro de um copo de madeira, jogando o pagamento do aperitivo.

Nesse momento passava fóra, no largo, um vendedor de bilhetes, apregoando, muito alto:

— *E' amanhã! Cincoenta contos de réis!... Olha o 7458! E' o jacaré!*

— Vês?... Ouves?! Pois ahi está um dos nossos defeitos mais visiveis e mais intensos: — é a paixão do jogo.

Jogamos tudo e de tudo fazemos objecto de jogo. E' mais uma falta de originalidade nossa, porque, nisso, imitamos os argentinos e outros povos mais ou menos importantes. Mas... vivemos inteiramente submettidos ás contingencias do azar.

Os *clubs* de jogo, cujo luxo contrasta com a pobreza franciscana de muitas associações de beneficencia, nascem e prosperam por todos os cantos; e por toda a parte do nosso Estado, do nosso paiz, proliferam os *clubs* de objectos sorteaveis, desde a louça e a roupa até aos pianos, com escalas pelos grammophones e outras bugigangas.

Mas nem podia ser de outro modo, quando a policia declara que o Estado não é tutor de ninguém, num paiz em que ha loterias em todos os santos dias do anno, exclusive os domingos e dias de festa nacional, e em que o imposto



sobre o jogo é uma das boas verbas da *receita* nos orçamentos annuaes.

— Podes até dizer que ha loterias em todos os santos dias e em todos os dias santos, — visto que hoje mesmo houve loteria...

— O' Leivas! Tu és um rapaz de gosto. Deixa os trocadilhos para o Castro Jardim, que é o padraço delles, aqui, na nossa terra. Sim, porque o pai delles já ninguem sabe quem é...

— Mas o meu trocadilho, que sahiu espontaneamente, é verdadeiro, não é?

— E', sim; mas é um trocadilho, e, portanto, é detestavel sob o ponto de vista esthetico. Vamos, porém, á conclusão, porque vão sendo horas de jantar.

Ora, uma vez que a paixão do jogo, essa morrinha moral, se agarrou á nossa nacionalidade como carrapato a boi gordo, aproveitemos os seus elementos e com elles tratemos sem demora de nos tornarmos originaes e até originallissimos.

E, então, elle expôz como seria de grandes vantagens para o paiz, transformar-se a eleição dos Congressos legislativos e das Presidencias e Vice-Presidencias em uma grande *Loteria Nacional*.

Os bilhetes que dessem direito ao grande premio da Presidencia ou Vice-Presidencia custariam cincoenta contos, e os que dessem direito a uma cadeira de senador ou deputado custariam cinco contos. A grande *Loteria Nacional* correria de quatro em quatro annos, e todos os cidadãos que soubessem ler e tivessem dinheiro para comprar os bilhetes, podiam, assim, pretender legitimamente á subida honra de qualquer daquelles importantes cargos...

— Mas que idéa, Juvenal! Entraria dinheiro para o Thesouro que era um horror... Um novo Pactolo, hein!

— Ao passo que agora sae que é um... castigo, não achas? Mas, ao menos, só poderia ter a pretensão, ou exercer o cargo, quem tivesse o que perder; e acho que é esse um dos pontos mais importantes.

— O' Juvenal... porque não escreves tu essas idéas em forma de artigo, para serem publicadas?

— Já estão escriptas ha muito tempo, Leivas; já forneci copia dellas a dois ou tres jornaes. Mas, como se não tratava de um conto em que o adulterio fosse explorado, nem de um assalto politico ou de uma defesa de qualquer dessas poderosas commanditas que exploram os serviços publicos, a nossa imprensa recebeu-as

com o mais profundo silencio, que, aliás, muito me honra.

Eu não tenho pressa, como sabes; e elles não perdem por esperar.

O seu ha de ser dado a seu dono, mais cedo ou mais tarde. E' pura questão de tempo, e, como lá diz o velho *Ecclesiastes*, ha tempo para tudo...

Fez uma pausa, olhou em torno da sala, e vendo na parede um programma do proximo espectáculo no *Sant'Anna*, mudou de assumpto:

— Já viste a Mina Lanzi, Leivas?

— Ainda não, mas pretendo vel-a e ouvil-a, quinta-feira, na *Dama das Camélias*. Dizem que é admiravel, hein...

— Oh! E que mulher!... E' um dos mais bellos typos de italo-brazileiras que tenho visto até agora. Verás...

Leivas ergueu os olhos para o relógio que estava no alto, ao centro da sala, e exclamou:

— O' diabo! São quasi seis horas. Vem jantar commigo, Juvenal.

— Obrigado, Leivas; mas não posso aceitar o teu convite. Fica para outra occasião.

E despediram-se.

Leivas, ao passar nos *quatro cantos*, reparou que os andaimes da nova construcção para a

*Rotisserie Sportsman* estavam barreados de cartazes com enormes caractéres multicores, e o nome que nelles mais sobressahia era: — Mina Lanzi em azul, Mina Lanzi em vermelho, Mina Lanzi em verde; — e em todos a photogravura da famosa actriz, nuns em busto e noutros em diversas posições dos differentes papeis que ella interpretava no theatre.

Ah! O suggestivo poder dos annuncios!

Principalmente quando esse poder se exerce sobre o espirito de quem está ocioso e com a carteira recheiada de bom papel moeda!...

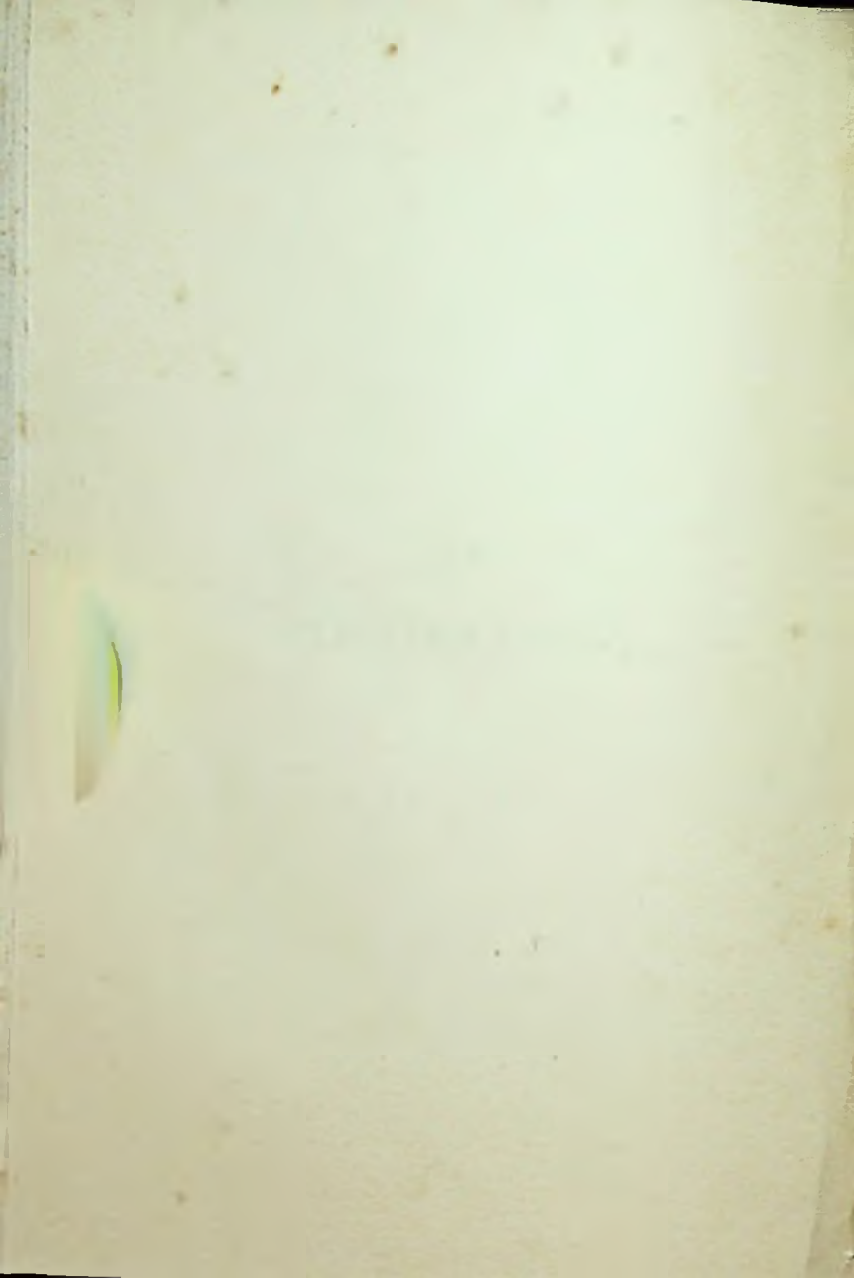
---



VII

**VARIAZIONE**





São da vida a razão e quasi a essencia  
As doces e crueis alternativas  
Que no mundo compõem a realidade;  
E a perfeita harmonia da existencia,  
Cujas notas nem sempre são festivas,  
Consiste na infinita variedade.

SYLVIO LIVIO.





RAM quasi nove horas.

A' porta do *Sant'Anna*, profusamente iluminada, havia a costumada animação prenunciadora das grandes noites de espectáculo.

Automoveis paravam, trepidantes, despejando ondas de sedas, plumas e arminhos; auroras de carne moça, fulgores de olhares e pedrarias; crepusculos e noites de cabellos, que impregnavam o ar de capitosos perfumes e povoavam os cerebros de espicaçantes estímulos, de aspirações ardentes e de lubricos desejos.

De alguns carros de praça desciam casaes anafados entre crianças risonhas e palradoras.

Juntos á bilheteria, os pedestres agglomera-

vam-se, acotovelando-se e erguendo alto, nas mãos, as cédulas para pagarem as localidades.

No sujo saguão da entrada muitos homens formavam grupos, que falavam, fumavam e gesticulavam.

Num delles viam-se o Dr. Zézinho, o Juvenal, o Commendador Julio Marcondes e o Silveira, que tinham comprado uma frisa para juntamente apreciarem a peça e principalmente a agonista, que era o chamariz da maior parte dos presentes.

Esse dia fôra largamente distribuido pelo Rio um impresso anonymo, cujo texto era o seguinte:

*Exmo. Snr.*

Positivamente certo que marchamos a passos gigantescos na larga estrada do progresso.

As necessidades communs aos outros povos, quasi que são desconhecidas em nosso meio social.

Não ha casas para alugar, — e isso é um signal evidente de que os proprietarios não se podem queixar da falta de rendas nem da sua diminuição. Muito ao contrario, Exm. Snr.

Não ha cozinheiras, embora já se fundasse

uma escola para ellas; mas as pessoas que se podiam empregar nesse importante ramo dos serviços particulares, preferem frequentar as innumeradas Escolas Normaes, com o fim de obterem um diploma que as habilite a exercerem o magisterio publico.

Não acha, Exm. Snr., que é isso um dos mais evidentes signaes do nosso progresso?

Poucas pessoas haverá da nossa terra, que queiram sujeitar-se a qualquer serviço considerado inferior, e não pode haver melhor prova do bem estar geral do nosso povo, além de que é a unica explicação possivel do franco prosperar de todos os estrangeiros que para aqui vêm desenvolver a sua actividade.

E' isto, Exm. Snr.; todos estamos bem:—os nacionaes ou são ricos ou remediados, e os estrangeiros trabalhadores e honestos não têm motivo algum para se queixarem da nossa proverbial generosidade.

Só reclamam os trapaceiros, os gatunos, os chantagistas e os *caftens*, porque não podem passar facilmente pelas malhas do nosso Codigo Penal.

E assim mesmo, ás vezes ainda passa cada um!...

Ora, para que se possa fixar na historia este momento da nossa já de si tão gloriosa, imaginámos a organização de um *Club*...



Socegue, não se assuste, Exm. Snr. com este preambulo, porque desde já garantimos, sob nossa palavra de honra á prova de fogo, que não se trata absolutamente de extorquir da sua excellentissima bolsa nem sequer uma prata falsa de dois mil réis, dessas que por ahi correm como boa moeda.

Não, senhor!

Para gastar o seu rico dinheirinho tem V. Ex. infinitas oportunidades, e faz V. Ex. muito bem em não perdê-las, porque, deste modo, contribue para a boa circulação, e V. Ex. sabe perfeitamente que é da boa circulação que depende a vida.

Mas... como iamos dizendo: — imaginámos a organização de um *Club*.

Não precisamos de séde limitada, porque a séde do nosso *Club* tanto pode ser a nossa capital, ou o nosso Estado, como o nosso paiz inteiro.

Talvez V. Ex. pense que será um Estado no Estado; o que não é para admirar, porque o nosso paiz o que é, afinal, senão uma chusma de Estados no Estado?!... Já vê V. Ex. que temos um bom exemplo para nos servir de encosto.

Agora, medite V. Ex. na primeira vantagem: — estarmos livres das impertinencias de portei-

ros bebedos ou somnolentos, e das fastidiosas visitas periodicas de cobradores exigentes ou malcriados.

Ha, porém, muitas outras vantagens, e pedimos licença para mostrar algumas a V. Ex.

Como não temos os empecilhos do Regulamento Interno, ficamos em condições de nos divertirmos á nossa vontade, e quanto mais nos divertirmos tanto mais dignos consocios seremos uns dos outros.

Nenhum socio fica sujeito á maçada de ser membro de Conselho Fiscal, e por esse motivo todos estaremos isentos de examinar livros que nunca são mostrados, de fazer elogios que nunca nos passaram pela cachóla e de assignar pareceres que nunca escrevemos nem lemos.

Além de tudo isso, que já não é pouco, não ha a estopada das Assembléas Geraes, nem as facadas dos rateios.

Confesse V. Ex. que é um *Club* extraordinario, *sui-generis*.

Pois é por isso mesmo que o imaginámos, porque nós não teríamos coragem de organizar mais um *club* de jogo ou de joias, desses que que por ahi enxameiam a todos os cantos, para gaudio dos exploradores e desespero dos explorados.

Finalmente, para tranquillidade dos escrupu-

los políticos e religiosos de V. Ex., declaramos que não é uma sociedade secreta.

Nada de juramentos mais ou menos falsos, nem compromissos *pro-forma*.

Em nosso *Club* não ha segredos: — tudo é sabivel e visivel, principalmente visivel.

Agora, o essencial.

O nosso *Club*, como sociedade que é, tem algumas similhanças com a sociedade em geral, e muitas dessimilhanças.

Todo o individuo humano pertence á sociedade desde que nasce até morrer.

O seu direito á sociedade está implicito no seu direito de viver: — é independente da sua vontade.

Em nosso *Club* é socio sómente quem adquirir o direito de o ser, depois de certa idade. Mas, depois de ter adquirido esse direito, ha de pertencer ao *Club* quer queira, quer não.

Quando qualquer individuo se suicida, deixa de pertencer á sociedade.

A' primeira vista parece que sahiu della por sua vontade. Não discutamos.

Mas qualquer socio do nosso *Club* rarissimamente sahirá delle por sua vontade.

Só circumstancias absolutamente fortuitas poderão contribuir para a sua eliminação do nosso quadro social.

Entretanto, assim como cada individuo humano entra involuntariamente para a sociedade só pelo facto de ter nascido, tambem qualquer pessoa entra para o nosso *Club* involuntariamente, só pelo facto de ter adquirido o direito de entrada.

Como se adquire esse direito?

E' o que vamos ter a honra de explicar a V. Ex.

Adquire-se naturalmente, Exm. Snr., mas tambem se pode adquirir voluntariamente.

Não temos Estatutos nem Constituição.

Não precisamos dessas cousas, para não termos necessidade de, a cada passo, as considerarmos letra morta.

Ha, porém, certas condições que reputamos indispensaveis á aquisição do direito de entrada.

E como essas condições são todas apreciaveis sob diversos pontos de vista, resulta que foi necessario categorizar os socios em *effectivos*, *honorarios*, *benemeritos* e *ultra-benemeritos*.

Já vê V. Ex. que é uma classificação perfeita, como se usa em todas as sociedades que se prezam.

Assim, qualquer que seja o seu sexo, adquiram o direito de entrada, como socios

*effectivos* : — todas as pessoas cujos anniversarios natalicios figuram nas chronicas

dos jornaes; todas as pessoas classificadas que fazem desleal concorrência aos *chauffeurs* de profissão; todos os funcionarios publicos que são *manifestados* com ou sem bronzes artisticos; todos os deputados ou senadores que falam (os calados não se contam); todos os conferencistas graciosos ou desgraciosos; todos os barbados que se desbarbam completamente por simples imitação, e todos os titulares, papalinos ou não, inclusive os officiaes da Guarda Nacional que se não fardam, e os bachareis de qualquer especie, que não exercem a profissão liberal para que se prepararam;

*honorarios*: — todas as pessoas que fazem excursões de recreio ao estrangeiro; todas as pessoas que fazem donativos de qualquer especie, mesmo para as *corbeilles* das noivas, de modo tão ostensivo que a cidade inteira o saiba;

*benemeritos*: — todos os homens sérios que têm amantes ostensivas, que têm fi-



lhós estroinas, que frequentam os luxuosos *clubs* de jogo e que tomam assignatura de frisas ou de camarotes, nos *Lyrícos*, para suas duplas ou multiplas familias ;

*ultra-benemeritos* : — todas as pessoas cujos actos de philantropica vaidade ultrapassem as fronteiras do nosso paiz e repercutam estrondosamente na imprensa estrangeira.

Excepção: Os literatos, sómente na sua qualidade de productores de escriptos para o publico, jamais poderão pretender ao direito de entrada em nosso *Club*, porque estão sujeitos á censura e á critica dos seus leitores, ao passo que nós, os socios de qualquer das classe acima indicadas, não estamos sujeitos a censura de especie alguma.

O nome do nosso *Club* é inglez, porque nos repugnam os hybridismos linguisticos, e a nossa divisa é:

SHOWING FOR EVER !

O nosso emblema social é essa mesma divisa dentro de um circulo de olhos bem abertos.



Acreditamos que V. Ex., reconhecendo a nossa boa vontade, guarde em lugar de honra o diploma que opportunamente será conferido a tão bello ornamento do nosso *Club*.

Aceite, pois, V. Ex. os protestos da nossa mais alta estima e profunda admiração.

Pelo *SHOWING CLUB*

A DIRECTORIA.

S. Paulo, 30 de Junho de 1911. »

O Dr. Zézinho, ancioso por conhecer a opinião de Juvenal, tirou do bolso do sobretudo um exemplar do prospecto, e perguntou :

— Você já viu esta historia, Juvenal ?

— Já, já... Recebi hoje um.

— E que diz você á lembrança ?...

Os outros fizeram roda. Todos tinham recebido exemplares do mesmo impresso, nesse mesmo dia. Queriam ouvir...

— Digo, meus caros, que S. Paulo não é mais o antigo burgo de estudantes e beatas. Aqui já se pensa um pouquinho, meus amigos. Não ha só quem atropelle e estropie os transeuntes com automoveis disparados, nem quem pense

que a nossa prosperidade architectonica consiste sómente na macaqueação das pavorosas almanjarras de ferro, tijolo e cimento, que são os *arranha-céus* norte-americanos...

— Mas, então... arriscou o Commendador Marcondes.

— Deixemo-nos de historias. Quem quer que teve a idéa do tal *Showing Club* é um espirito da familia dos Swifts, e queira Deus que elle não tenha o mesmo tragico fim.

— Eu tambem achei a idéa muito engraçada, disse o Silveira.

— E' certo, sim, que tem graça; mas de baixo daquelle riso, quem sabe lá quantas lagrimas não teriam corrido, ou quantas dores não teriam sido suffocadas?

— Essa agora é muito boa! retorquiu o Dr. Zézinho. Se o pandego soffresse, se fosse pobre e precisasse, não gastaria elle o seu *arame* em imprimir isto, nem em sellos para o enviar a pessoas que talvez nem conheça de vista.

— Esse é o ponto mais interessante do caso. Vale a pena pensarmos um pouco... Vejam vocês: — o homem ou é rico... Sim, porque eu acredito que a idéa é individual... Bem. Ou elle é rico e está indignado contra o actual estado de cousas. Resultado: — ironia sobre ellas; meio pratico de extravasar a bilis ou

desengurgitar o figado, sem recorrer ás panacéas preconizadas nos annuncios de quarta pagina. Ou é pobre, e então ninguém pode imaginar que sacrificios elle teria feito para atirar com esse papel á cara daquelles que julga seus exploradores. E' uma vingança como outra qualquer. Não offende nem attinge a nossa integridade physica, mas arranha bem fundo a nossa consciencia, vocês não concordam? Pensem bem. Um outro, mais estúpido e mais desequilibrado, escolheria uma noite como esta, e lá do alto das torrinhas atiraria uma bomba terrivelmente explosiva no meio da sala cheia... Elle, não. Quem quer que seja, preferiu dirigir-se a cada um de nós, e dizer-nos sob o disfarce do riso: — Vocês são todos uns desfructaveis. Pensam que a vida consiste sómente na ostentação a todo o transe. Coitados! Soffreis todos de exhibicionite aguda. Sois dignos de commiseração.

— Este Juvenal tem cada idéa! commentou o Dr. Zézinho. Olha que essa cousa da bomba de dynamite lá dentro... hein?! Até me fez correr um calafrio ao longo da espinha dorsal. Livra!

— Mas é assim mesmo... Não é facto virgem. Para nós, felizmente, é... Vocês sabem, na França... Mas o que é verdade, meus caros, é que o homem pensou e escreveu que se pôde lêr, cousa não muito commum aqui neste meio,

em que predominam a ancia de enriquecer, o gosto de esbanjar e o desprezo pelas bellas-letras...

E, mudando de tom:

— Agora, digam-me cá: — algum de vocês já recebeu o promettido diploma?

Que não, que ainda não tinham recebido, — responderam.

— Pois, meus amigos, a minha unica curiosidade no caso é saber a que classe de socios pertenco eu. Você, Zézinho, que é desbarbado, não advoga e já foi passear duas vezes á Europa, é cumulativamente *effectivo* e *honorario*. Ali, o Commendador Marcondes, que costuma a dirigir o automovel, *fonfonando* estardalhaçamente quando passa pelo *triangulo*, é sómente *effectivo*. Ah! E você tambem, Silveira, que ainda ante-hontem veio no *Carnet* do *Estado*. Vamos a ver se os diplomas vêm certos. E o meu, como será?

Soaram as campainhas. Era a ultima chamada.

Entraram.

A sala estava repleta, e a ribalta accessa.

Não havia uma cadeira vaga. As frisas e os camarotes resplandeciam de luxo e de belleza,

e as torrinhas estavam literalmente atopetadas de rumorosa multidão em que predominavam os homens e os estudantes.

A orchestra executava a valsa da *Viuva Alegre*.

Os ultimos compassos foram abafados sob uma estrepitosa salva de palmas das galerias.

Subiu o panno.

A peça, conhecidissima, arrastou-se pesadamente ao longo dos seus pesados actos.

Nestes tempos de cinematographos, aeroplanos, automoveis e telegraphos sem fio, não ha mais quem sinta verdadeiro prazer artistico em assistir a longos dramas.

Além disso, os cinematographos ainda vieram resolver um importante problema social.

Os chefes das familias abastadas devem abrir regularmente os seus salões, ou para darem festas em que as suas filhas solteiras se divirtam e arranjem noivos, ou para ostentarem o seu luxo. Tudo isso é muito dispendioso e principalmente muito maçante, porque não ha meios nem modos de se contentar a todos os eternos descontentes que apparecem infallivelmente nessas reuniões familiares.

Ora, com o cinematographo tudo se resolve do melhor modo.

Os chefes não são obrigados a fazerem as honras da casa; as filhas solteiras divertem-se á vontade e arranjam facilmente noivos que vão *pescar* á sahida das *sessões*, e o luxo é sobejamente ostentado nos trajes, nas joias e nas melhores *localidades* dos salões dos cinemas.

Não se perdem as noites, porque as *sessões* são rapidas, e não se gasta muito tempo com os namoros, porque tudo se faz... cinematographicamente.

E' uma perfeição!

E é por isso que as *soirées* dansantes cada vez se tornam mais raras e até são já consideradas como diversões improprias do nosso adiantado grau de civilização.

A nevrose da velocidade em todas as cousas e em todos os actos, produz-nos uma invencivel preguiça de pensar, de comparar, de analysar.

O que nós queremos é chegar logo ao fim. Uma sessão de cinema dura apenas meia hora, mas é tempo sufficiente de mais para que a mocidade fique completamente edificada na moral moderna.

Os espectaculos por-sessões de uma hora, a preços reduzidos, fazem que os verdadeiros theatros fiquem ás moscas, e se alguém supporta ainda um espectaculo de tres horas é porque gosta de musica, é caipira ou é... *snob*.



Aprender sem estudar, enriquecer sem trabalhar, valer sem ter mérito, ostentar sem conta, sem peso e sem medida: — eis os modernos ideaes.

Explica-se, assim, a enchente dessa noite.

O drama não interessava. O principal interesse fôra despertado pela fama da protagonista, a celebre Mina Lanzi, actriz brasileira, descendente de italianos, que possuia realmente notaveis dotes artisticos e impressionantes predica-dos plasticos.

Havia mais um interesse, e esse consistia na oportunidade que se offerecia a todos os que só pensam dia e noite em se mostrarem aos outros.

Tinham decorrido tres longos mezes sem notaveis festas publicas.

O mau tempo desse anno não permittira as grandes reuniões ao ar livre, onde a ostentação apresenta as mais variadas *nuances*.

Aos domingos o aspecto do Velódromo era lastimavel. No Tieté as regatas effectuavam-se sem enthusiasmo.

Os cavallos arrastavam-se pesadamente na raia pesada do Hippódromo, diante das archibancadas vazias.

Só haviam sido dignas de registro a tempo-

rada de Mascagni e a inauguração do Theatro Municipal. Era muito pouco para tres mezes.

Além disso, as principaes familias que não tinham ido ao estrangeiro nas suas costumadas excursões de recreio, achavam-se nas praias do Guarujá ou do José Menino, continuando o rotineiro habito caipira de ir a banhos de mar no inverno.

E' essa uma das cousas em que temos alguma originalidade, nós, os paulistas.

Na Europa as grandes cidades despovoam-se no verão.

A população abastada vai para o campo gosar a frescura da vegetação, ou para as praias, banhar-se e haurir energias do ar iodado. Aquelles que não podem ir, fingem que vão, fechando-se em casa, não recebendo visitas nem sahindo á rua. Não oxigenam o sangue, mas fazem economias na bolsa.

Nós vamos para as praias no pino do inverno... Porque? Porque o nosso litoral gosava outr'ora a justa fama de pestifero no verão.

Hoje, felizmente, essas condições modificaram-se com os melhoramentos hygienicos, mas... a rotina ficou.

Ha quem justifique esse arraigado habito com a circumstancia de que o nosso verão coincide com a estação chuvosa, e por esse motivo

não ha conveniencia em se tomar banhos debaixo de chuva.

Essa justificação, porém, prova apenas que para tudo se descobre uma justificativa; mas a sua improcedencia é flagrante, porque, uma vez que estamos resolvidos a banhar-nos, que nos importa a nós um pouco de agua a mais ou um pouco de agua a menos?

E os divertimentos?

Ora, os divertimentos das estações balnearias consistem precisamente mais em reuniões internas, em saráus, em jogos, em *flirts*, do que em excursões ao ar livre, e para aquellas especies de diversões mais proprio é o tempo chuvoso do que o sêcco.

Oh! Não ha nada mais agradável de que estar-se dentro de casa a falar da vida alheia, a jogar, a dansar ou a ouvir as deliciosas futilidades das mulheres bonitas e graciosas, emquanto a chuva tamborila nas vidraças e ruge lá fora na violencia das enxurradas!...

Por muito tempo nos fica no nariz a maravilhosa sensação olfactiva dos mais raros aromas combinados com os naturaes odores dos corpos aquecidos nos *ritornellos* das valsas!

No intervallo do penultimo acto, o Commendador Marcondes chamou a attenção dos com-

panheiros de frisa para a má impressão que o *Sant'Anna* fazia, comparado com o *Municipal*, o «gigantesco *Municipal*», — como elle dizia.

— Você tem razão, Commendador, disse Juvenal; mas é uma pena vêr aquelle monumento transformado actualmente em *restaurant* de luxo, onde, ás tantas da noite, não se sabe o que mais admirar, se a falta de vergonha, se a falta de juizo dos seus frequentadores de ambos os sexos.

— E' mesmo, disse o Silveira. Já me disseram isso, exactamente.

— E eu, continuou Juvenal, antes de ser elle inaugurado, dirigi a dois vereadores uma especie de carta, pondo-os de sobre-aviso quanto ao futuro desse primor architectonico. Fiquei com copia della, que guardo, para mostrar que pode entrar para o ról dos prophetas um sujeito que costuma assignar-se Juvenal Paulista.

E procurando na carteira, que tirou do bolso:

— Cá está ella... Não empallideçam, porque a cousa é curta. Vocês já sabem que não gosto de abusar da paciencia de ninguem.

E leu:

« *Illustrissimos Edis* :

O nosso orgulho de paulistas deve estar satisfeitissimo, porque o Theatro Municipal, que

é um dos melhores do mundo inteiro, está prestes a ser entregue ao goso do publico. Não digo ao uso e goso, porque o publico, em regra, não deve usar dos theatros, mas gosar delles.

Essa distincção é importantissima para a completa comprehensão do que vou escrever.

Eu, por exemplo, tenho um canivete, que é uma especialidade para cortar... sabão. Uso delle toda a vez que me é preciso cortar alguma cousa, menos a casaca do proximo; mas não tenho nisso o minimo goso, porque, toda a vez que delle uso, praguejo e gesticulo como qualquer italiano do sul.

E' clarissimo que se o meu canivete, em vez de *caxerenguengue* como é, fosse afiadinho como a lingua de muita gente boa, eu usaria e gosaria delle todas as vezes que me fosse preciso cortar. Ora muito bem !

Desenvolvendo o raciocinio, posso applical-o por analogia aos theatros.

A comparação entre um canivete e um theatro é realmente paradoxal, mas isso não importa, desde que a conclusão seja justa, como os senhores vão vêr.

Imaginem agora que um theatro foi construido de tal modo, ou é dirigido de tal modo, que, toda a vez que nelle entrarmos para gosar o direito que nos é conferido pelo bilhete pago,



estaremos sempre sob a terrível ameaça de sermos esmagados como quaesquer miseros vermes ou torrados como simples amendoins, ou, então, ficaremos constrangidos como se estivessemos em qualquer casa de ceremonias em presença de algum superior hierarchico.

De tal fórma, nem o goso do theatro nos seria permittido.

Quanto á construcção do nosso Theatro Municipal, estamos completamente livres das terribes ameaças figuradas, — graças á indubitavel competencia technica do respectivo architecto-constructor, e ao conteudo dos cofres do municipio; mas, quanto á direcção do mesmo... isso é o que ainda havemos de vêr.

Fique, porém, desde já bem assentado o seguinte :

Se o espectador, qualquer que elle seja, chegar ao ponto de arrepender-se por ter comprado bilhete que lhe dê o direito de occupar uma localidade no interior do nosso Theatro Municipal, podem ficar certos, illustres senhores edis, que esse arrependimento será, em noventa e nove casos sobre cem, motivado pela direcção da melhor casa de espectaculos do Brazil inteiro.

E podem ficar certos tambem que, nessa hypothese (que desejo não mude de nome), os



contribuintes terão o inalienavel direito de ex-  
clamar :

— *Quanto dinheiro nosso, gasto em pura perda!*

E, assim, ficam sobejamente explicadas, — a differença que ha entre uso e goso, e goso sómente, — e a relação que pode haver entre o meu pobre canivete *caxerenguengue* e o nosso bello e rico Theatro Municipal. »

— Este Juvenal é enorme! commentou o Dr. Zézinho.

— Ora ahi têm vocês o que eu receiava... Má direcção sómente. Mas, vamos ver o fim dessa maçada... Creio que já deram o ultimo signal. Que sacrificio, se não fosse a compensação da Mina, hein?!...

Quando, ao descer do panno, os applausos ainda reboavam ruidosos, ouviram-se palmas differentes, compassadas, no momento em que Mina Lanzi viera agradecer a sua chamada ao proscenio.

Todos os olhares convergiram para o camarote da bocca de scena, e Juvenal exclamou para os companheiros :

— E' o Leivas que vai falar!

Era, effectivamente, Leivas Gomes, que, de pe, ligeiramente pallido sobre a alvura do lustroso peito da camisa, aguardava que o silencio se restabelecesse na sala.

As mãos apoiadas sobre o aveíludado para-peito do camarote, o olhar circumvagando, começou elle :

— Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento, de profundo reconhecimento e gratidão, ao acaso, a essa força occulta mas real, que move os homens e os mundos, e que me proporcionou a indizível ventura de assistir a este espectáculo, em que o genio artistico da protagonista conseguiu monopolizar todas as nossas attensões.

A moldura deste quadro não podia ser mais magnificante, porque tudo quanto ha de individualmente notavel nesta terra dos antigos pioneiros do progresso nacional, aqui se congregou numa irresistivel attracção de luxo e de belleza; mas... superior a tudo e a todos, destacando-se fulgurantemente, esplendidamente da tela, que é esse mesquinho palco, — avulta a tua impressionante personalidade, o' Mina Lanzi!

A tua voz harmoniosa e pura, suggerindo-nos a auditiva impressão de perolas que se

despenham em taças de crystal, e a tua gestulação exuberante mas precisa e graciosa, bem denunciam que essa organização sem par tem as suas raizes mais profundas no amago da raça latina, a antiga dominadora do mundo; nessa encantadora Italia, patria da Arte e das mais intensas paixões.

Mas denunciam tambem que ao seu pleno desenvolvimento não foi extranha a mysteriosa influencia magica da nossa terra sempre verdejante, do nosso sol sempre ardente e do nosso céu sempre azul, onde scintilla, sempre majestosa, a symbolica constellação do Cruzeiro.

Feliz patria que produz taes filhos!...

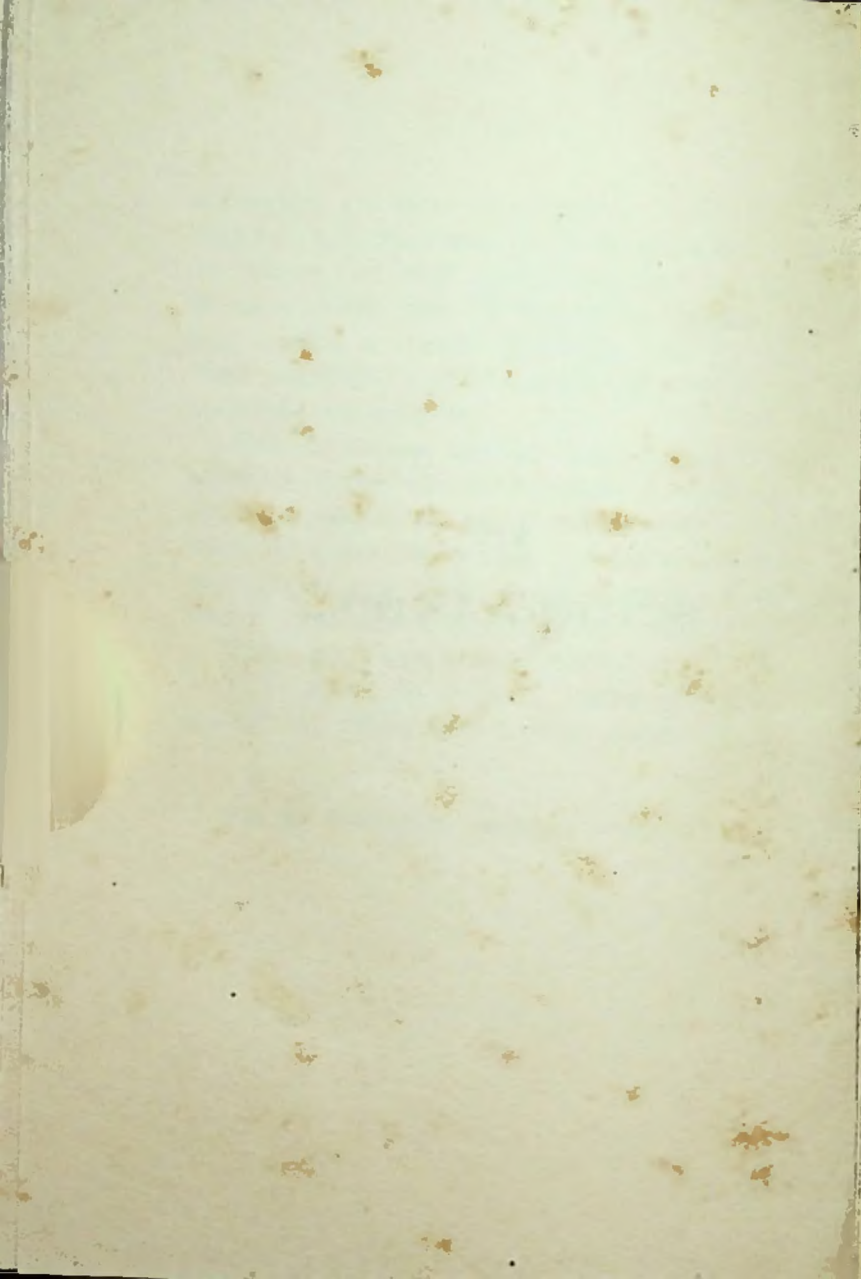
Eu te saúdo, Mina Lanzi. Salve, divina conciliação da belleza com o genio artistico!

Foi um verdadeiro successo oratorio.

---

SCHERZANDO...

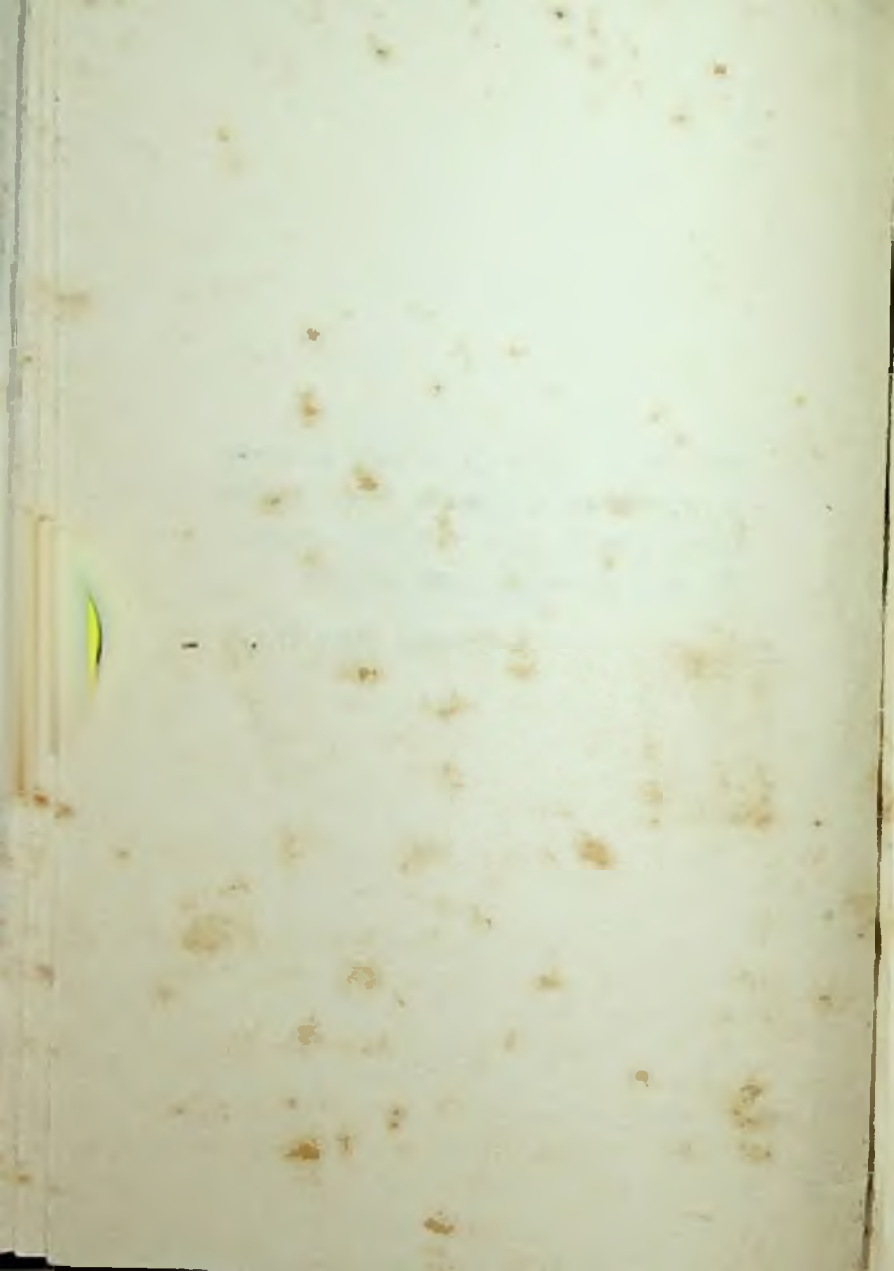
VIII



Rir é bom, pois o riso é para as almas  
O mesmo que o oxigenio é para a vida;  
Quem sabe rir gosa profundas calmas  
No meio da paixão mais dolorida.

JUVENAL PAULISTA.







O dia seguinte ao espectáculo, Juvenal sahia da *Mutua Universal* e seguia pela rua Direita em direcção aos *quatro cantos*, quando avistou Leivas Gomes, que vinha no bonde de Hygienopolis.

Fez-lhe um signal, e Leivas desceu em frente á *Ville de Paris*.

— Vem cá, meu imaginoso Leivas. Quero felicitar-te pelo teu brilharete de hontem. Estiveste á altura, homem!

— Ah! vens tu com as tuas costumadas diabruras.

— Não... Nada disso. O que é verdade é verdade. Palavra, que gostei. E se não fosses

tu quem és, e eu te não conhecesse muito bem... diria que eras um magnifico discipulo da moderna escola... dessa que tanto já fez rir o nosso novo presidente, que, por signal, não é nada novo.

— Dos taes que anteciparam soffregamente os parabens de anniversario natalicio?...

— Desses mesmos, sim. Pois então?!...

— Muito obrigado, Juvenal.

— Olha que eu não disse nem digo... *Diria* — bem vês! — é condicional, Leivas. Mas, vem dahi, que diabo! Vamos ver se o gordo Daniel está mais gordo ainda.

E entraram no *bar da Rotisserie Sportsman*.

Leivas, depois de sentado, começou a commentar :

— Nós estamos atravessando uma época muito interessante da nossa evolução moral. Se cobrimos alguém de elogios, atiram-nos logo a pecha de *aduladores*, de *engrossadores*, de *chaleiristas*... E não importa que os louvores sejam ou não merecidos... A questão é sómente que as louva-minhas enojam...

— Mas, Leivas, em presença da evolução artistica manifestada por todos os povos cultos, não ha nada mais natural, meu velho. Imagina tu que todos nós fossemos como o «nosso il-

lustre amigo», o Lindolpho Alves, cujo vocabulário não registra absolutamente nenhum adjectivo ouriçado de perfurantes púas... hein!

Era como se estivessemos a palmilhar constantemente uma estrada plana e recta, no meio de uma chata planície em cujos horizontes não avultasse o perfil mais insignificante da mais insignificante elevação do solo.

Que intédiadora monotonia, meu Deus! No meio de tanta chateza, as pessoas e as idéas forçosamente haviam de nascer chatas.

A linha recta é anti-esthetica, e até, segundo a respeitavel opinião de abalisados phrenólogos, é indice de más qualidades moraes em qualquer individuo.

Ora, dize-me cá: — quaes foram os dotes estheticos mais notaveis que descobriste em nossa interessante patricia, e que tanto te impressionaram, para mimoseal-a com o teu quente improvisado?

Foram, evidentemente, as suggestivas curvas do seu corpo esbelto; a sua gesticulação que traçava bellos arcos concentricos; a sua voz que ondulava harmoniosa e vinha em occultos circulos, concentricos tambem, fazer vibrar os teus tympanos agradavelmente.

Foi isso ou não foi? Bem. Pois a belleza

physica, intellectual ou moral, reside em tudo que é sinuoso, concavo ou convexo.

Nos corpos, nas idéas, nas acções, devem predominar as linhas curvas.

A directriz de qualquer individuo, e tu melhor o sabes do que eu, deve ser naturalmente recta, porque até hoje ainda se não descobriu outro espaço mais curto entre dois pontos; mas debes tambem conhecer por experiencia propria como essa directriz está atulhada de obstaculos, que fazem o caminhante zigue-zaguear, ladear, contornar, erguer-se, abaixar-se, embora sempre com os olhos fixos no fim que pretende attingir.

Pois é precisamente nesse collear que consiste a nossa arte e o nosso merito.

Se quizessemos avançar sómente em linha recta, passando sem consideração alguma por sobre todos os empecilhos, chegaríamos ao fim, é verdade, mas com a pessima fama de brutos; ao passo que todo o nosso empenho, meu caro, deve ser o de conquistarmos a gloriosa reputação de habeis.

— Então, pelo visto, devemos sempre falar mal de tudo e de todos?...

— Mas... é claro que sim! Passar a vida inteira a dizer — *Amen!* — a tudo, — isso não é para nós! E' para os frades e as freiras, e,

ainda assim, — quem nos garante que elles sigam essa norma sem discrepancia?

Depois, quem é que perde o seu tempo em atirar pedras ás arvores que não dão frutos?

Só os imbecis.

As outras, as frutíferas, até devem sentir o legitimo orgulho do apedrejamento.

Por aqui, já debes ter percebido que o sentimento promotor da maledicencia que anda na lingua ou na penna das pessoas limpas e dignas, não é absolutamente a inveja.

Esse ignobil sentimento é proprio sómente dos nullos ou dos incapazes.

Nós, se falamos mal dos nossos pares, fazêmo-lo por verdadeiro amor á arte, por sentimento esthetico.

E' o nosso instinctivo horror á linha recta.

E agora... aqui muito á puridade :

— Qual foi a tua verdadeira impressão ao vêr e ao ouvir a nossa actriz?... Quero dizer — como mulher.

— Ah! Juvenal! A melhor que é possivel, para quem tem alguma delicadeza de sentimentos. E' deliciosa!...

— Devagar, meu caro, mais devagar! Deve ser deliciosa, é o que é.

— Isso mesmo.



— O diabo é que dizem tambem que ella é muito... ingreme.

— Ingreme?!... Que historia é essa? Que relação pode ter a mulher com os acclives?...

— Eu te explico.

E Juvenal disse que classificava as mulheres geometricamente. Para elle cada mulher é sempre o lado de um angulo social. O outro lado pode ser a linha formada pelo leito, pela superficie de um *divan* e até pelo chão estreme...

E, então, conforme a abertura desse angulo social, ha mulheres *verticaes*, ou inacessiveis, que formam o angulo recto; *obliquas-obtusas*, ou repellentes, que formam o angulo obtuso; *obliquas-agudas*, mais ou menos ingremes, que formam o angulo agudo, e, finalmente, *horizontaes*, cuja abertura é nulla.

Neste ponto, Leivas Gomes oppôz-se, interrompendo-o :

— Ora, muito obrigado! Então as *horizontaes* têm a abertura nulla?... E' extravagante essa tua lembrança, Juvenal. Pois eu penso exactamente o contrario...

— Estás enganado, meu caro. A minha classificação é legitima e rigorosa, embora se baseie em apparentes antinomias. As aberturas da minha classificação, — attende bem! — são angu-

lares, aberturas angulares e não quaesquer outras aberturas.

Na sua qualidade de engenheiro, Leivas Gomes achou a classificação interessante, embora lhe notasse algumas impropriedades technicas.

— Mas tem graça e originalidade, o que já não é pouco para uma theoria, — commentou.

E applicando os seus conhecimentos profissionais:

— Então dizem que ella é muito ingreme, hein?! Pois, meu caro Juvenal, os fortes acclives que fazem angulos agudos entre A e B, vencem-se de dois modos: — ou pelo ladeamento, ou pela perfuração. E' evidente que o ultimo, embora mais dispendioso, é o melhor meio de se attingir o ponto collimado. Mas, quem não tiver muita pressa, escolherá o ladeamento, que é mais economico.

— Ora ahi está! exclamou Juvenal triumphante. Já vês que a minha classificação é tão rigorosa e tão scientifica, que até já lhe applicaste dois processos de construcção ferro-viaria.

E riram francamente durante alguns momentos.

Leivas Gomes, enquanto bebia vagarosamente o aperitivo, pensava em Mina Lanzi e na classificação do Juvenal.

—Mulheres ingremes... sim, senhor. Que idéa!

Mas, se a mulher é uma linha, — pensava ainda — a gente pode pôr uma linha em qualquer posição. Toda a vertical pode ser transformada em horizontal, e *vice-versa*. E' isso. Simples posição de rectas, que depende sómente da maior ou menor inclinação. Com as obliquas tambem se pode fazer o mesmo...

E, depois, falando alto:

— Pois, carissimo Juvenal, cá tomei nota da tua classificação geometrico-feminina. Vai para o canhenho.

— Sem ceremonias. Entre amigos, mãos rotas.

Eram quatro horas.

Leivas, para despedir-se, levantou-se:

— Sim, senhor. Nunca te vi tão geometrico como hoje. Ha pouco eram as curvas que predominavam, agora são as rectas mais ou menos inclinadas... E's temivel com a tua geometria! E com esta, preciso ir a casa do meu sogro jantar com elle... Não te convido porque a casa não é minha...

— Ora, muito obrigado. Nada de ceremonias commigo, porque eu já te tenho dado sobejas provas de não as ter contigo. Vai, rapaz.

— O meu sogro é uma perola, mas ainda não se acostumou a jantar com luz artificial...

— Vai, vai, meu caro; porque um bom sogro

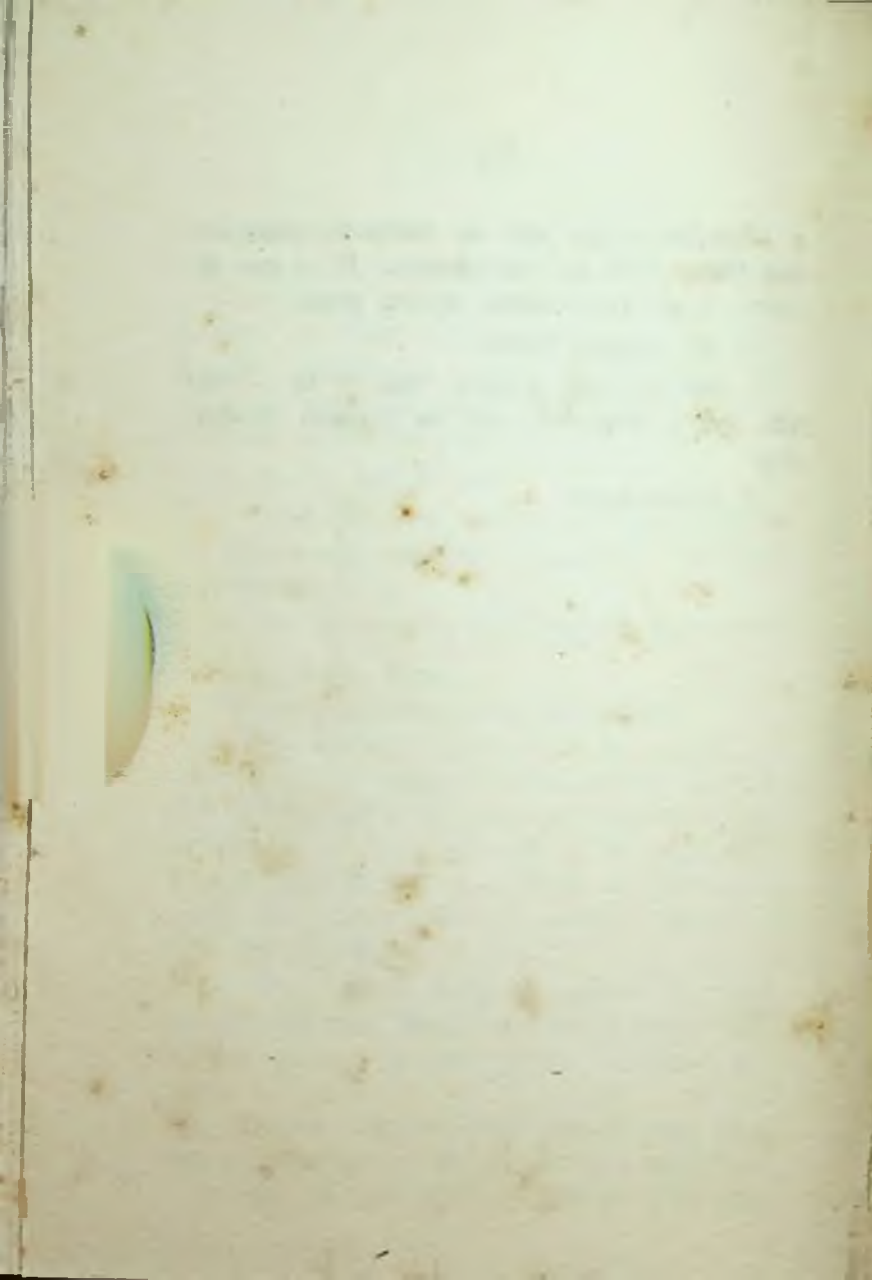
e uma boa sogra são os melhores presentes que Deus pode dar aos casados. E' o que dizem... e eu creio muito na voz geral.

— Até sempre, Leivas.

— Até amanhã, Juvenal; mas vê lá: — não vás agora descobrir que ha homens quadradados.

E separaram-se.

---



IX

ROMANZA





A força do querer novidadeiro  
Combinada ao poder da imitação,  
Operando entre o ócio e o dinheiro,  
Quasi sempre conduz á tentação.

( Da *Imitação do Diabo* ).





potencialidade da suggestão e a faculdade da imitação, excitadas pela abundancia de dinheiro combinada com o ócio, são forças sociaes que muito occultamente mas positivamente influem na modificação do character individual. E' perfeitamente humano que todos desejem elevar-se acima dos outros e de si mesmos, porque foi esse desejo que arrancou os homens prehistoricos das cavernas e das cabanas primitivas, para installa-los nos sumptuosos e confortaveis palacios de agora. Mas, como nem todos possuem a mesma força de vontade, nem os mesmos elementos materiaes, — para a maioria, a realização fica muito áquem do desejo fracamente formulado.

Ah! Mas se a força de vontade coincide com a posse dos elementos materiaes, então não ha nada irrealizavel, porque a fantazia não pode ser mais inventiva do que a propria natureza.

Isto pensava Leivas Gomes na manhã seguinte á sua conversa com Juvenal, na *Rotisserie*.

Não lhe sahia da mente a pittoresca classificação, e sentia que a sua curiosidade fôra vivamente espicaçada por aquelle — *ingreme* — do Juvenal.

Levantara-se bem disposto, e a sua bôa disposição ainda mais augmentou, quando, ao abrir a janella do seu quarto, viu que o céu, turquezinamente azul, esplendia luminoso sobre o casario da cidade, que, lá em baixo, se espalhava pelas varzeas e trepava pelas collinas.

Ao longe, a Cantareira, toucada ainda com as alvas neblinas da noite que estivera fresca irrompia a pequenos trechos escuros, que pareciam ilhas aereas fluctuando na claridade das brumas.

E enquanto os filhinhos, sob a vigilancia da ama, corriam e garrulavam alegremente pelas ruas do jardim de sua casa, como , que saltitam e chilream ás primeiras horas das manhãs estivas, sentia tambem que se passava

no seu espirito alguma cousa de inexplicavel e delicioso. Era como que uma ligeira evaporação dos seus mais reconditos pensamentos condensada pela alacridade do ambiente.

Almoçou com muito appetite, foi gentil para com a esposa, paciente para com os filhinhos, tolerante para com o mau serviço dos criados, e até cantarolou alegremente a valsa dos beijos do *Conde de Luxemburgo*.

Estava, positivamente, num dos seus melhores dias. Era a mysteriosa influencia daquella magnifica manhã de pleno inverno sub-tropical, que o tornava optimista nos pensamentos, nos actos e nos gestos; pois não ha nada que mais concorra para o nosso aborrecimento do que um céu enfarruscado e baixo e um ventinho humido e frio, que tão communs são em São Paulo, nessa estação.

Veiu para a cidade, e, ao passar pelos *quatro cantos*, seus olhares foram de novo attrahidos pelos vistosos cartazes affixados nos andaimes da esquina... Sempre a suggestão!...

Desceu, a pé, a rua Quinze.

A's portas das casas lotericas fervilhava a matula ambiciosa dos jogadores do *bicho*, que aguardavam o telegramma da *centena* do dia...



Leivas parou em frente ás *vitrines* da *Casa Michel*, onde fulgurava uma extranha mistura de pedras falsas e legitimas, e um rapido pensamento fez vibrar os seus centros cerebraes.

Erudito em bellas-letras, vieram-lhe á mente a passagem mythologica, onde Jupiter, o Pai dos Deuses, se transformara em chuva de ouro para seduzir a reclusa Danae, e o psychologico episodio do *Fausto* em que o solerte Mephistopheles aconselha o remoçado velho alchimista a principiar a sua conquista da ingenua Margarida com um bello presente de tentadoras joias... Depois, surgiu-lhe tambem, inopinadamente, o velho mas sempre verdadeiro e actual proverbio:

— *Chave de ouro abre todas as portas...*

Parecia-lhe que estava envolvido numa atmosphera de ouro em pó, e que havia relampagos refractados nas facetas da pedraria...

E foi andando, foi seguindo...

O relógio do *Grumbach* marcava duas horas, e até o respectivo distico — *Aurea* — lhe pareceu um pharol diurno a guiar os seus fluctuantes pensamentos.

Chegou a joalharia, correu os olhos pelas *vitrines* externas; e, impellido irresistivelmente pelas suas forças interiores, fascinado pelos atrahentes aspectos exteriores, entrou, escolheu um broche com brilhantes, pagou sem regatear,

e pediu uma penna com tinta para escrever o seguinte, no seu cartão de visita:

*Leivas Gomes*

*beija as mãos da formosa e genial artista, depõe  
nellas esta pouco valiosa offerenda e espera a feliz  
oportunidade de vêr de perto o effeito que ella deve  
produzir no meio de tão bello conjuncto.*

Pediu mais que chamassem um *mensageiro*, e, depois de tudo artisticamente embrulhado, deu o endereço da actriz Mina Lanzi e... sahio muito mais satisfeito do que entrara, porque, agora, além da sua irradiante alegria, sentia mais que lhe sorriam na alma *as divinas promessas da esperança*.

Estava acceso o rastilho...

Agora, era ter um pouquinho de paciencia para esperar como rebentaria a bomba.

---



X

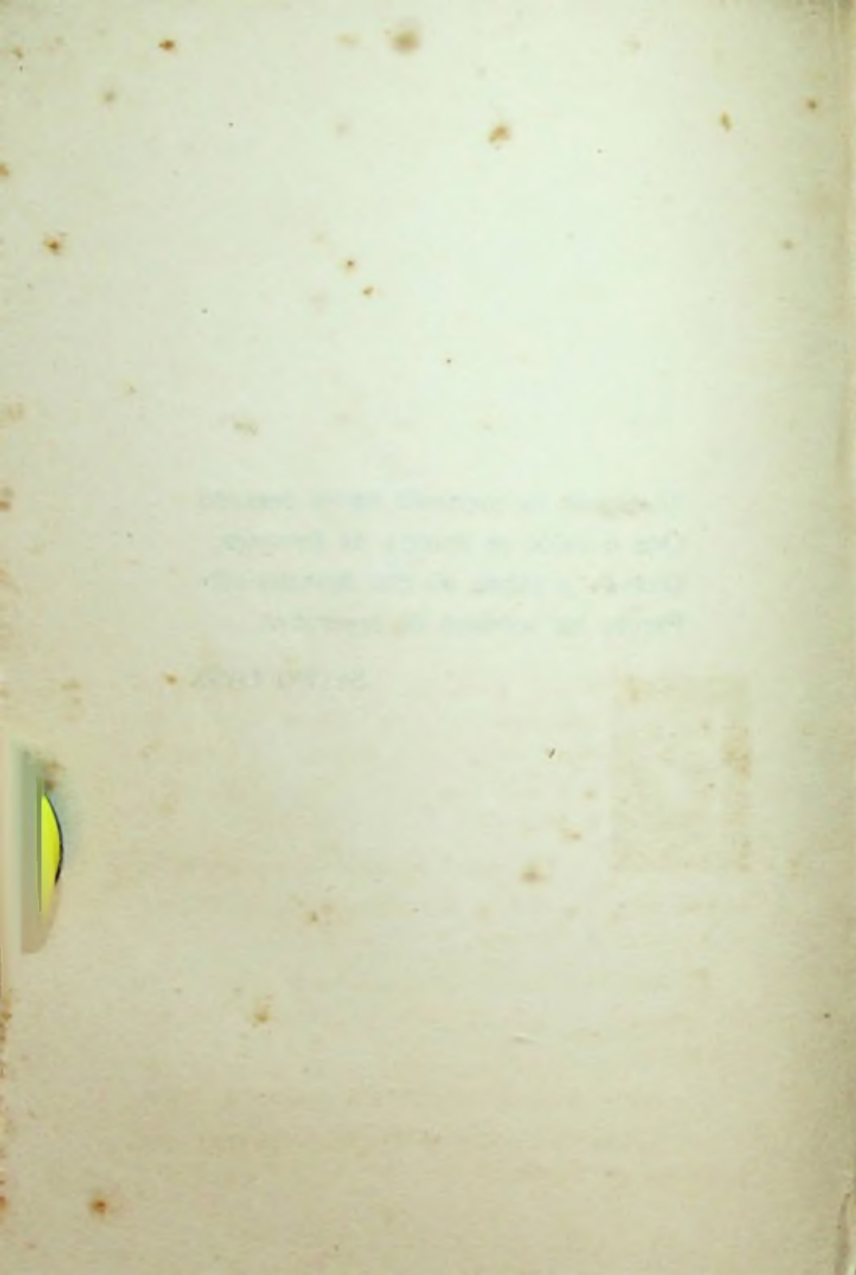
SMORZANDO...



E' depois da tormenta haver cessado  
Que o valôr se aprecia da bonança,  
Quando a calma do céu desanuviado  
Parece ter sorrisos de esperança.

SYLVIO LIVIO.







STAVA posta a mesa. A' cabeceira sentou-se Leivas Gomes, á sua direita sentou-se a esposa, D. Januaria, e á sua esquerda o filho mais velho, o Joanico.

Os dois menores almoçariam na saleta propria, sob a fiscalização da respectiva ama sêcca, a Balbina.

D. Januaria vestia luxuosamente, muito fóra do costume, o que chamou a attenção do seu marido.

— Estás hoje simplesmente adoravel, Nêê.

— Achas?!... duvidou D. Januaria com uma pontinha de ironia.

— Acho, sim ; pois duvidas ?...

E reparando nas joias que adornavam a esposa :

— E que bello broche, esse, hein ! Esse não o conhecia ainda.

D. Januaria, sempre risonhamente ironica :

— Foi um presente que me fizeram hoje.

— Oh ! oh ! Um presente ? !... Que magnifico ! E pode-se saber quem foi o generoso doador ?

— Como não ? ! Pode-se, sim.

E, agora, séria, pallida, mas commedida na gesticulação, abriu uma bolsinha que tinha a seu lado, tirou um cartão, apresentou-o ao marido, dizendo com a voz um pouco trémula :

— Foi este cavalheiro... Podes lêr o cartão que acompanhou o presente...

Leivas Gomes, ao lêr o cartão que na vespéra escrevera a Mina Lanzi para lhe offerecer a joia que agora estava adornando a sua mulher, demonstrou visivelmente que não era um homem sem brio. O seu rosto em menos de um minuto apresentou todas as çambiantes chromaticas de uma bola de sabão...

Um cynico teria inventado qualquer inverossimil historia para illudir a esposa. Elle, não.

Interrompeu o almoço, levantou-se, pôz o chapéu e sahiu pisando muito macio, quasi na ponta dos pés.

Mina Lanzi, quando recebeu o presente de Leivas Gomes, procurou indagar quem era o gentil offerante. Pelo nome, ella soube logo que se tratava da pessoa que tão ardentemente a saudara na bella noitada da *Dama das Camélias*, porque os jornaes tinham sido minuciosos na descripção da festa; mas ignorava o seu estado civil. Quando lhe disseram que elle era casado e pai de tres filhinhos, ficou indignada.

Escreveu á esposa delle um cartão em que dizia o seguinte :

« Creio ter havido engano do mensageiro que me entregou hontem a joia e o cartão que este acompanham. Fico certa de que me desculpará o equivoco, para o qual em nada concorri voluntariamente. »

E mandou tudo por um *mensageiro*.

D. Januária, ao receber aquillo, e vendo do que se tratava, pensou em fazer uma scena violenta com o marido. Mas elle era tão bom, tão delicado, tão intelligente !

Pois bem ! Seria delicada tambem, porque a delicadeza, em certos casos, fere tanto ou mais do que a brutalidade.

Leivas Gomes, que tambem era bom psychologo, andou por fóra de casa, a fazer horas, até á noite. Elle sabia que o tempo é o melhor hemostatico para os ferimentos da alma, e que as sombras nocturnas têm uma benefica influencia sobre a paz dos casaes.

A' noitinha, recolheu-se, subiu ao seu quarto que ficava no primeiro andar, abriu a janella que dava para o poente, e ficou ahi por largo tempo, debruçado no peitoril, a meditar na occulta conspiração dos factos.

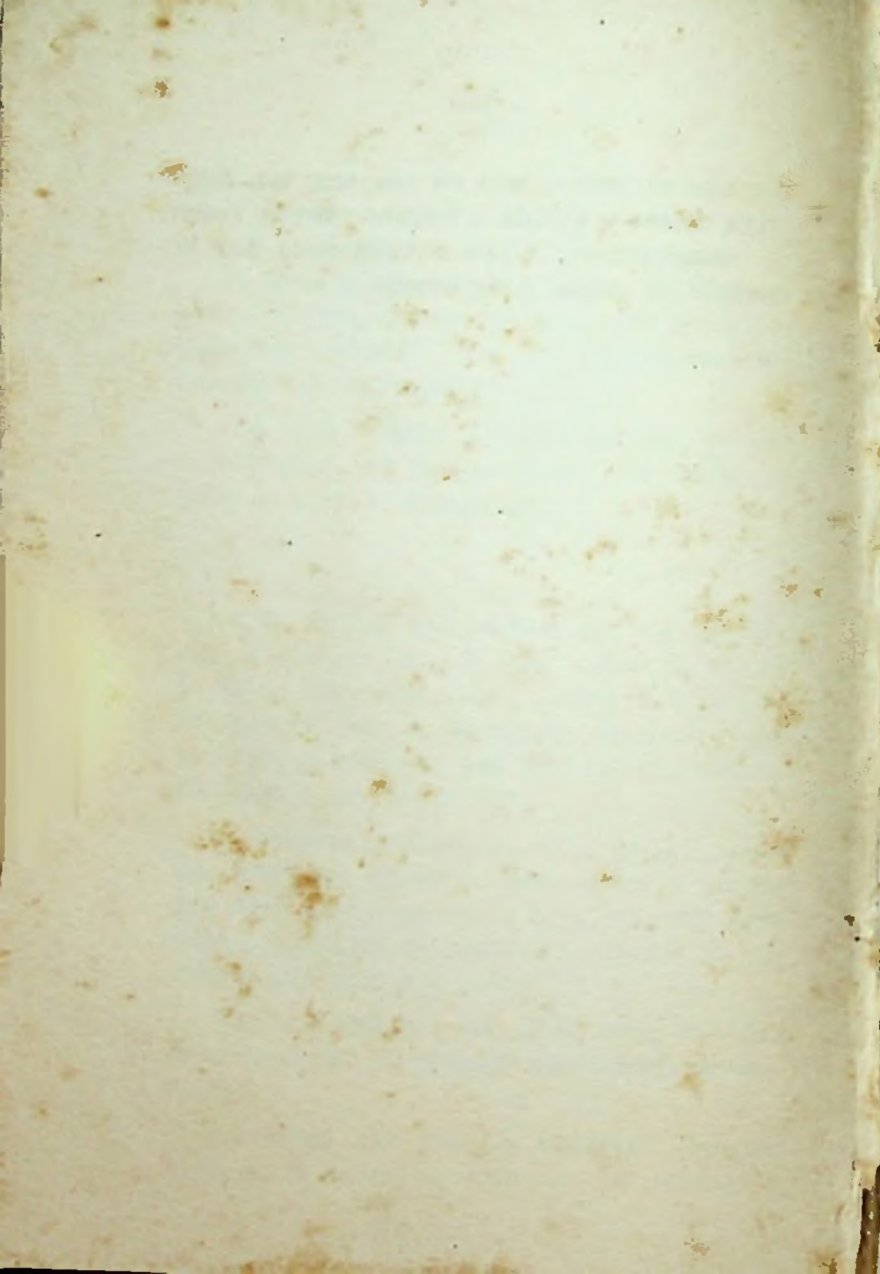
Talvez estivesse a ver, lá de cima, se a sua directriz ainda estava muito atravancada de obstaculos.

Ao longe, por trás do majestoso Jaraguá, acabara de morrer o ouro vivo do occaso; e

no alto, no escuro azul do céu sem lua, fulgurava, serena e grande, a formosa estrella *Vesper*, — completamente alheia e indifferente aos homens e ás cousas deste mundo.

---





XI

**GRANDE CONCERTANTE**



Ei-los de novo aqui — dignos comparsas —

A' luz da ribalta

No palco da vida!

Deixemo-los em paz nas suas farças

Em que a musica — dinheiro nunca falta;

Digamo-lhes o *adeus* da despedida.

J. A.







Ós é que não podemos ficar nesse alheamento nem sentir essa indiferença. Os homens e as cousas deste mundo são dignos do nosso respeito, e, se entre as cousas de que até agora tratámos alguma ha que não seja precisamente veneravel, isso não impede que as pessoas façam jús á nossa incondicional admiração.

E o facto de convivermos durante mais de tres mezes com doze ou treze personagens, sem ter morrido nenhum delles, não é tambem digno de ser admirado?

Não houve um só assassinato, um só suicidio, nem sequer um só esmagamento por automovel ou bonde electrico...



Nenhum dos nossos treze illustres conhecidos foi victima de cousa alguma, nem ao menos de uma facadasinha no sentido figurado.

Bem se vê que se trata de um romance, de uma obra de imaginação, porque, na vida real, as cousas correm de outro modo; mas não quizeamos que em nossa consciencia ficasse o minimo remorso da mais leve gota de sangue, nem da humidade da mais fugitiva lagrima.

Todos ahi ficam vivos e escoreitos, — cada um segundo as suas especies, como diz a Biblia.

O Dr. Gustavo da Luz, sempre o mesmo hyperbolico generalizador.

O Dr. Archânjo Barreto, num rigoroso isochronismo chronometrico a carregar para casa os sabonetes do *Club*.

O Jeronymo de Magalhães, pretendendo agora montar uma importante fabrica de pentes, na esperanza de ser bem succedido, porque ninguém como elle dispõe de tanta e tão boa materia prima...

O Adelino Silveira, brilha e fulge como *pharol* que foi, porque quem foi rei sempre tem a sua majestade, e anda imaginando agora uma nova *Mutua* que seja efficaz collaboradora da lei do *Povoamento do solo*.

O Commendador Julio Marcondes, talvez por influencia euphonica do sobrenome, deseja agora ser Conde.

O Coronel Rogerio Lopes, está com a sua gorada candidatura atravessada na garganta, mas vai comendo, bebendo e jogando regularmente.

O Dr. Orthépio Gama escreve actualmente um poema em francez, onde já figura uma bella estrophe com trinta e cinco versos em que as flores dos mais variados matizes acabam todas ficando brancas.

O Dr. Zézinho Lopes ainda não resolveu o complicado problema do seu amôr, apesar da sua assidua frequencia aos mais abundantes mercados dessa droga.

O Alexandre Rossi gosa a America como nenhum outro dos seus pares, e fica indignado quando algum dos seus patricios por aqui apparece com o fim exclusivo de *fazer a America*.

O Barão de Athayde faz sempre gemer os prélos com os seus donativos e os inquilinos com os correspondentes augmentos do aluguel, entendendo, e muito bem, que melhor é fazer beneficios para depois alardea-los, do que não os fazer absolutamente e gabar-se de ser generoso.

O Araujo Reis pensa em lançar no seu *Jornal* as bases de um plano de valorização das suas opiniões e do seu character, que elle considera tão dignos de protecção como a borracha, e não deixa de ter a sua razãozinha...

O Leivas Gomes vai seguindo a sua directriz até esbarrar com uma nova cadeira electiva.

O Juvenal Paulista, esse continúa a rir o hygienico riso provocado pelas comedias melo-tragicas da vida. Hade viver muito, se rir sempre assim.

E todos elles são dignos consocios no *Showing Club* e directores da famosa *Mutua Universal*.

Muitos outros personagens poderiam figurar neste livro, porque a unica difficuldade consistiria sómente na escolha. Mas os que ahi figuram são os melhores exemplares actuaes da nossa gente rica.

Os outros, embora pretendam fazer parte dessa classe, estão muito áquem della, e não passam de simples pretenciosos ou réles imitadores.

Merecem, pois, um estudo á parte, que já está planejado e que o autor ha de publicar opportunamente, se para tanto lhe não faltar tempo e... dinheiro.

Deixemos, portanto, os nossos amigos e conhecidos; — que fiquem todos em paz e que progridam sempre e muito, para gloria da nossa terra e para honra da nossa gente.